

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO**

NUBIANE DA FONSECA VIEIRA

**O ESPAÇO DA MORADIA RURAL NO POVOADO DE PEQUIZEIRO,
BELÁGUA, MARANHÃO.**

São Luís

2017

NUBIANE DA FONSECA VIEIRA

**O ESPAÇO DA MORADIA RURAL NO POVOADO DE PEQUIZEIRO,
BELÁGUA, MARANHÃO.**

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção de grau de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Frederico Lago Burnett.

São Luís

2017

Vieira, Nubiane da Fonseca.

O Espaço da Moradia Rural no Povoado de Pequizeiro, Belágua, Maranhão. / Nubiane da Fonseca Vieira. - São Luís, 2017.

95 f.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Frederico Lago Burnett.

Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, 2017.

1. Moradia. 2. Lotes Rurais. 3. Belágua - Maranhão. I. Título.

CDU: 728.12 (812.1)

NUBIANE DA FONSECA VIEIRA

**O ESPAÇO DA MORADIA RURAL NO POVOADO DE PEQUIZEIRO,
BELÁGUA, MARANHÃO.**

Trabalho Final de Graduação apresentado ao
Curso de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Estadual do Maranhão para
obtenção de grau de bacharel em Arquitetura e
Urbanismo.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Frederico Lago Burnett (Orientador)
Universidade Estadual do Maranhão.

Prof^a. Dr^a. Margareth Gomes de Figueiredo
Universidade Estadual do Maranhão.

Msc. Clara Raissa Pereira de Souza

Dedico este trabalho para os meus pais, meu irmão, meus avós e para as pessoas de Pequizeiro, todos essenciais, cada um à sua maneira, para o desenvolvimento deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo fôlego de vida, pelo amor e misericórdia dispensados sobre mim diariamente, por ser Aquele que me sustenta e instrui diante das alegrias e tristezas.

Aos meus pais, Benedito Filho e Nubia, pelo amor incondicional dedicado a mim e meu irmão, pela educação e princípios ensinados e pelo esforço constante para me ajudar a alcançar meus objetivos.

A meu irmão Christiann, pelo amor, auxílio, compreensão, amizade, cumplicidade, sinceridade e cuidado, fatores essenciais em toda minha caminhada.

Aos meus avós, Benedito, Nadir, Izac, Maria José e Valber, pois sempre que os esforços dos meus pais não foram suficientes, eles estiveram prontos a cooperar.

Aos meus tios e tias, primos e primas, que demonstram cotidianamente que a família que tenho foi um presente escolhido cuidadosamente e perfeitamente por Deus, para me ensinar, me apoiar, me advertir e me proteger.

Ao meu orientador Frederico Burnett, por todos os ensinamentos passados e toda dedicação oferecida, um exemplo de pesquisador e o incentivador que todo aluno precisa ter.

A minha igreja, que ao acompanharem meu crescimento passaram junto comigo por todas as conquistas importantes que alcancei, mas principalmente pelo apoio e intercessões demonstrados nos dias de adversidade, mostrando que a família espiritual que o Senhor me deu a honra de fazer parte vive o amor verdadeiro, destaco profundo agradecimento às famílias: Soares, Mendes, Loiola, Cares, Souza e Alencar.

Aos meus líderes, o pastor Daniel e a Irmã Zélia, pelos direcionamentos e dedicação, e que, juntamente com seus filhos, Lucas, Felipe e Matheus, me fazem todos os dias sentir o zelo de Deus comigo.

Aos meus líderes de juventude, Soares Junior e Jarlene Soares, pela preocupação demonstrada com a obra do Pai e com cada jovem que cuidavam, inclusive comigo, me passando ensinamentos eternos.

Ao grupo pequeno Kerigma e Yeshua, com quem pude compartilhar meus sonhos e lutas constantemente, onde recebi cuidado e orações sinceras visando o melhor para mim.

A minha amiga Viviane Loiola, uma amizade sincera, que nasceu primeiro no coração de Deus e que intercede junto comigo diante das alegrias e angústias.

Aos meus amigos, Anderson Cássio, Evellin Enny e Helaine Dias, por serem companheiros incríveis, prova de uma amizade resistente ao tempo e a distância.

A turma 2012.1, onde iniciei minha vida acadêmica e onde tive a oportunidade de conhecer e trabalhar com pessoas disponíveis a aplicar seus saberes e a aprender sempre mais, em especial a Auricéia Castro, Marcos Cardoso, Monique Aguiar, Talissa Guimarães e Paula Maria Monte, amigos que irei levar para a vida.

A turma 2012.2, que me recebeu quando retornei ao curso, por cada amigo e colega, por cada trabalho e por todos os momentos vividos. Luís Marcos, Roseane Caldas e Manoel Moniz foram os primeiros a me acolher, o que gerou em mim uma gratidão que me faz ter um carinho especial por eles.

As bolsistas pesquisadoras do LATESE, Aldrey, Amanda, Andrea e Clara, por todo o trabalho conjunto e conhecimentos compartilhados. Clara em especial, pois além das contribuições no grupo fez reflexões cruciais na finalização deste trabalho.

A todos os alunos e professores que eu tive a chance de ter contato por meio do Equinox, por todo o aprendizado partilhado e por todos os importantes trabalhos desenvolvidos, deixo o meu muito obrigada em especial para o grupo da UEMA com quem pude ir junto para Ascoli Piceno em 2016, com destaque para a professora Marluce Wall e as alunas, Ana Karoline, Amanda Monteiro e Mariely Luz.

A todos os professores que contribuíram direta e indiretamente na minha vida acadêmica, sendo grandes auxiliares no ensino necessário para minha formação.

A professora Margareth Figueiredo, pelas contribuições passadas em sala de aula e no desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

Aos profissionais habilitados e experientes com quem tive o prazer de estagiar, Gilberto Sátiro, Nairama Barriga, Daniela Leite, Sérgio Ribeiro, Cristiano Evangelista, Elane Ferreira e Conceição Pereira, obrigada pela disposição para ensinar e por compartilharem suas experiências práticas.

A Dra. Susi Maciel e ao Dr. Fabrício, profissionais competentes que me deram todo o acompanhamento clínico e psicológico necessário para que minha saúde fosse restabelecida.

Por fim, a todas as pessoas do Povoado de Pequizeiro, que receberam nosso grupo de pesquisa e se prontificaram a nos informar, permitindo que todo o trabalho de campo realizado acontecesse, fator fundamental para a execução deste trabalho.

Nubiane Vieira.

“O homem do povo sabe construir, é arquiteto por intuição, não erra; quando constrói uma casa a constrói para suprir as exigências de sua vida.”

Lina Bo Bardi

RESUMO

O espaço rural maranhense possui mais de dois milhões de moradores, o que representa cerca de 36% da população do Estado, o maior percentual de população rural do país, segundo dados do IBGE (2010). Aprofundar o entendimento desta realidade a partir de uma visão ampliada a respeito da forma de habitar das pessoas que ali residem por meio da análise da casa e seu lote, permite conhecer os saberes tradicionais envolvidos nas ações cotidianas referentes ao construir, morar, produzir e se relacionar, subsídios importantes para a concepção e implementação de políticas públicas mais condizentes com a realidade socioambiental das comunidades. Como contribuição para a compreensão do espaço da moradia camponesa, este trabalho estuda a casa e lote rurais com seus anexos enquanto ambientes de vida e trabalho de ações cotidianas familiares, tendo como estudo de caso o Povoado de Pequizeiro, Município de Belágua, no Maranhão. O meio rural e os atributos singulares que envolvem sua prática é uma realidade ainda presente no Maranhão, que precisa dos cuidados necessários para que as pessoas de lá não se sintam obrigadas a desocupá-lo e ele acabe sendo extinto, perdendo todos os valores que possui.

Palavras chaves: Modos de Morar; Moradia e Lote Rurais; Pequizeiro; Belágua.

ABSTRACT

The rural area of Maranhão has more than 2 million residents, which represents about 36% of the State's population, the highest percentage of rural population in the country, according to data of IBGE (2010). To deepen the understanding of this reality from a larger view about the local habitant's way of living, through the analysis of their houses and lots, it allows to know the traditional knowledge involved in daily actions related to building, living, producing and relation activities. Indeed, these grants are important for the design and implementation of public policies more consistent with the social and environmental realities of the communities. As a contribution to the understanding of the peasant's dwelling space, this monograph studies the rural house and its property area along with its outbuildings while living and working environments of daily actions, taking as a case study the village of Pequizeiro, municipality of Belágua, in the State of Maranhão. The rural environment and its unique attributes that involve its practice are a current reality in Maranhão, which needs the necessary care so that people from this environment don't feel forced to vacate it and it ends up being extinguished, losing all the its values.

Key words: Ways of Living; Rural Housing and Lot; Pequizeiro; Belágua.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Casa de adobe com cobertura de palha, no Povoado de Pequizeiro, em Belágua, MA.....	30
Figura 2: Casa de Taipa de Mão com cobertura de palha, no Povoado de Pequizeiro, em Belágua, MA.....	31
Figura 3: Mapa indicativo dos tipos de atividades econômicas e tipos de habitação rural no Brasil.....	32
Figura 4: Casa de sopapo em Maxaranguape, RN.....	34
Figura 5: Casa com a estrutura das paredes de madeira, pronta para receber o barro, nas cercanias de S. Caetano de Odivelas, zona bragantina do Pará.....	34
Figura 6: Casas cobertas de palha em área de babaçu a 8 km a sudoeste de.....	35
Figura 7: Casa de fazenda de gado, perto de Sobral, Ceará. Ao fundo, a serra da Meruoca. Foto Orlando Valverde, 1960.....	36
Figura 8: Casa de sertanejo no Piauí.....	37
Figura 9: Armação estrutural de carnaúba para uma de campo no Piauí.....	38
Figura 10: Casa de Adobe, em Belágua - MA.....	39
Figura 11: Casa de Taipa de Mão, em Belágua - MA.....	39
Figura 12: Casa de Palha, em Cajari - Ma.....	40
Figura 13: Casas de Madeira, em Buriticupu - MA.....	40
Figura 14: Mapa Municipal de Belágua.....	41
Figura 15: Mapa do Povoado de Pequizeiro.....	51
Figura 16: Posto de saúde em estado de abandono, em Pequizeiro.....	53
Figura 17: Jogo de futebol masculino em tarde no Povoado.....	54
Figura 18: Rio e vegetação característica da região.....	54
Figura 19: Casa de banho locada no lote.....	56
Figura 20: Sentina disposta ao fundo do lote.....	56
Figura 21: Poço manual, com estrutura de madeira coberta de palha.....	56
Figura 22: Torneiras externas à casa, com bacias para armazenamento de água.....	56
Figura 23: Jirau externo, mas anexo ao corpo da casa, aproveitando a cobertura de palha para proteção.....	57
Figura 24: Jirau locado no lote.....	57
Figura 25: Galinha criada solta e ciscando no terreno.....	57
Figura 26: Depósito disposto no lote, com cobertura de palha.....	58
Figura 27: Vegetação presente em um dos lotes estudados.....	59
Figura 28: Cultivo de hortaliças em canteiros elevados.....	59
Figura 29: Casa de adobe, com fachada frontal revestida e cobertura com telha cerâmica.....	60
Figura 30: Casa de taipa de mão e cobertura de palha.....	60
Figura 31: Casa de adobe não revestido, com cobertura de telha cerâmica e esquadrias feitas de ripas de madeira.....	61
Figura 32: Cortina em abertura interna da casa.....	61
Figura 33: Zonificação dos ambientes das amostras de casas estudadas.....	62

Figura 34: Sala com mobiliário simples, chão em terra batida e tecido no local da esquadria.....	64
Figura 35: Sofá junto ao mobiliário da sala, além de quadros na parede, que garantem a decoração no local.	64
Figura 36: Diversas redes em um quarto.	64
Figura 37: Camas e roupas penduradas em varal no quarto.	64
Figura 38: Mesa, filtro de barro e fogão a lenha.....	65
Figura 39: Mesa, geladeira, prateleiras e fogão a gás.	65
Figura 40: Mesa, armário, fogão a gás e vassoura de palha.....	65
Figura 41: Painéis dispostas na parede e mesa fabricada pelo próprio morador.....	65
Figura 42: Croqui esquemático da disposição dos anexos no lote de Dona Nildes.	66
Figura 43: Casa da Dona Nildes, construção em adobe e coberta com telhas cerâmicas.....	67
Figura 44: Planta baixa da Casa de D. Nildes.....	67
Figura 45: Fachada frontal da casa em adobe de D. Nildes.	68
Figura 46: Fachada posterior da casa em adobe de D. Nildes.....	68
Figura 47: Fachada lateral direita da casa em adobe de D. Nildes.	68
Figura 48: Fachada lateral esquerda da casa em adobe de D. Nildes.....	68
Figura 49: Sala onde os netos de Dona Nildes assistem a TV que está apoiada em pequena mesa de madeira.....	69
Figura 50: Quarto com rede e alguns materiais armazenados.....	69
Figura 51: Copa com geladeira. Cortina de tecido em frente à abertura do quarto...70	70
Figura 52: Cozinha com mesa de madeira, fogão a gás e armário.	70
Figura 53: Meia-água que abriga o fogão a lenha, alguns utensílios e que tem ligação com o jirau.	70
Figura 54: Jirau externo ligado à meia-água e coberto de palha.....	70
Figura 55: Fogão a lenha.	70
Figura 56: Casa de banho de palha e um jirau ao lado.....	71
Figura 57: Sentina ao fundo feita de taipa de mão e coberta com telha cerâmica....71	71
Figura 58: Canteiro elevado com cultivo de hortaliças no lote de Dona Nildes.71	71
Figura 59: Outro jirau presente no lote de Dona Nildes.	71
Figura 60: Depósito à frente e galinheiro ao fundo.....	72
Figura 61: Chiqueiro.....	72
Figura 62: Croqui esquemático da disposição dos anexos no lote de Dona Orizinha.	73
Figura 63: Planta baixa da Casa de D. Orizinha.	74
Figura 64: Fachada frontal da casa em taipa de mão de D. Orizinha.	75
Figura 65: Fachada posterior da casa em taipa de mão de D. Orizinha.	75
Figura 66: Fachada lateral direita da casa em taipa de mão de D. Orizinha.....	75
Figura 67: Fachada lateral esquerda da casa em taipa de mão de D. Orizinha.....	76
Figura 68: Casa da Dona Orizinha, feita em taipa de mão e coberta de palha.76	76
Figura 69: Sala com cadeiras plásticas, um móvel com a TV, uma rede armada e o chão em terra batida.	77

Figura 70: Quarto com camas, um guarda-roupa e varais com roupas penduradas.	77
Figura 71: Cozinha com presença de mesa e cadeiras, fogão a gás e a lenha, geladeiras e a cortina de tecido que garante a intimidade do quarto.	77
Figura 72: Jirau externo ligado à cozinha pela meia-água.	77
Figura 73: Vagem de feijão secando no lote.	78
Figura 74: Feijão secando ao sol.	78
Figura 75: Plantação de Maniva.	78
Figura 76: Cultivo de hortaliças em canteiros elevados no lote de Dona Orizinha.	78
Figura 77: Sentina de taipa de mão e cobertura de palha ao fundo do lote.	79
Figura 78: Casa de banho no lote de Dona Orizinha.	79
Figura 79: Jirau locado no lote de D. Orizinha.	79
Figura 80: Bomba manual coberta com estrutura de madeira e palha no lote de Dona Orizinha.	79

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Tipos de materiais das paredes externas das moradias rural e urbana – MA.....	38
Gráfico 2: População Urbana e Rural, em Belágua, no Maranhão e no Brasil.....	42
Gráfico 3: População alfabetizada e não-alfabetizada - Belágua, Maranhão e Brasil.	43
Gráfico 4: Rendimento domiciliar médio mensal – Belágua, Maranhão e Brasil.	44
Gráfico 5: Rendimento domiciliar mensal per capita – Urbano e Rural – Belágua. ...	44
Gráfico 6: Produto Interno Bruto– Belágua, Maranhão e Brasil.....	45
Gráfico 7: PIB por setor de Belágua – MA.	45
Gráfico 8: Esperança de vida ao nascer – Belágua, Maranhão e Brasil.	46
Gráfico 9: Mortalidade infantil – Belágua, Maranhão e Brasil.....	47
Gráfico 10: Tipo de esgotamento sanitário, em Belágua - MA.	47
Gráfico 11: Tipo de abastecimento de água, em Belágua - MA.	48
Gráfico 12: Destinação do Lixo, em Belágua -MA.....	49
Gráfico 13: Pirâmide etária da população residente em Pequizeiro, por sexo.	52
Gráfico 14: Quantidade de domicílios - Quantidade de moradores, em Pequizeiro. .	63

LISTA DE SIGLAS

ATLAS BRASIL – Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil

DATASUS – Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IMESC – Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LATESE – Laboratório de Análise Territorial e Estudos Sócio-Econômicos

PIB – Produto Interno Bruto

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

SIDRA – Sistema IBGE de Recuperação Automática

UBS – Unidade Básica de Saúde

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	O ESPAÇO RURAL – Conceituações e caracterizações.	19
3	A MORADIA RURAL	24
3.1	O Lote	27
4	CONSTRUÇÕES EM TERRA	29
4.1	Adobe	29
4.2	Taipa de Mão, de Sebe ou de Sopapo	30
5	TIPOS DE HABITAÇÃO RURAL NO NORDESTE	32
5.1	Casa de sopapo ou barrote	33
5.2	Casa dos babaçuais	35
5.3	Fazendas de criação de gado no sertão nordestino	35
5.4	Arquitetura Rural do Piauí	36
5.5	Tipologias do Maranhão	38
6	O MUNICÍPIO DE BELÁGUA	41
7	PESQUISA DE CAMPO E SISTEMATIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES	50
7.1	O Povoado de Pequizeiro	50
7.1.1	O Espaço da Moradia em Pequizeiro	55
7.1.1.1	Moradia em Adobe	66
7.1.1.2	Moradia em Taipa de Mão	72
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
	ANEXOS	86

1 INTRODUÇÃO

O espaço rural maranhense possui mais de dois milhões de pessoas vivendo nele, o que representa cerca de 36% da população do estado, o maior percentual de população rural do país, segundo dados do IBGE (2010). Aprofundar o entendimento desta realidade a partir de uma visão ampliada a respeito da forma de habitar das pessoas que ali residem por meio da análise da casa, permite conhecer os saberes tradicionais envolvidos nas ações cotidianas referentes ao construir, morar, produzir e se relacionar, subsídios importantes para a concepção e implementação de políticas públicas mais condizentes com a realidade socioambiental das comunidades. O lote¹ e as inúmeras edificações construídas nele compõem um complexo produtivo indispensável para a família, levando este fator em consideração, estudou-se sobre ele.

Com o estudo de um caso específico, com experiências de campo foi possível compreender melhor a realidade do objeto estudado, o que resultou em informações que permitiram traçar características e com isso delimitar o assunto em questão, servindo como recomendações para futuras investigações.

Para a análise referente ao espaço da moradia rural – casa e lote com seus anexos – foi realizado um estudo de caso dos resultados das vivências adquiridas com o plano de trabalho da bolsa de Iniciação Científica Pibic/CNPq/UEMA: PRODUÇÃO, SOCIABILIDADE E ESPAÇO NO MEIO RURAL – Atividades Produtivas, Organização Social e Formas de Convívio e Moradia no Espaço Rural do Maranhão, componente do projeto de pesquisa O PLANO MAIS IDH E A PRODUÇÃO HABITACIONAL – Contribuições para Melhoria das Condições de Vida e Trabalho na Área Rural dos Municípios de Belágua e Cajari, Maranhão, orientado pelo professor Dr. Frederico Lago Burnett e equipe de bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, financiadas pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq: Amanda Marques,

¹ O Dicionário da Arquitetura Brasileira (1972) define Lote como a “pequena área de terreno, urbano ou rural, destinada a construções ou à pequena agricultura. Vulgarmente estende-se essa designação também para as chamadas grandes áreas de terrenos, desde que não atinjam elas o alqueire, o hectare, etc.”.

Andrea Garcez, Nubiane Vieira e Aldrey Malheiros, além de Clara Souza, bolsista de mestrado, também pela UEMA.

O projeto encontra-se em fase final de execução, com a pesquisa bibliográfica em fase de sistematização e as visitas de campo já realizadas possibilitando a coleta de dados relacionada às condições em que a população ali presente vive, habita e produz. As informações ali colhidas permitiram contribuições sobre o tema proposto, que ao serem sistematizadas possibilitou uma identificação, caracterização e registros que poderão servir para uma compreensão a mais da moradia rural do Maranhão, e traz consigo a possibilidade de gerar ações que venham a garantir apoio àqueles habitantes e suas moradias, contribuindo para subsidiar a elaboração de políticas públicas – principalmente as habitacionais - mais próximas da realidade de vida e trabalho das comunidades rurais do Maranhão.

Para realização do referido Plano de Trabalho, foram visitadas duas localidades do Maranhão, o município de Belágua e o de Cajari, locais estes que tem a autoconstrução² a partir de técnicas tradicionais como características em suas áreas rurais. Para o presente trabalho monográfico foi decidido o estudo do tema proposto no Povoado de Pequizeiro em Belágua, visando ter um recorte delimitado na área e assim, obteve-se as características daquela região. As informações já colhidas nesta comunidade permitiram um banco de dados mais completo, portanto proporcionou uma abordagem mais abrangente do assunto.

O objetivo geral deste trabalho foi contribuir para a compreensão do espaço da moradia rural – casa e lote com seus anexos – enquanto ambiente de vida e trabalho de ações cotidianas familiares, tendo como estudo de caso o Povoado de Pequizeiro, município de Belágua, Maranhão. Já os objetivos específicos foram:

- Identificação da casa rural autoconstruída e sua relação com a vida e trabalho familiar, em especial no Maranhão;
- Identificação, caracterização e sistematização das moradias autoconstruídas, conforme sistema construtivo, materiais, zonificação dos ambientes internos e externos, condições de habitabilidade e adequação física;

² Processo de trabalho calcado na cooperação entre as pessoas, na troca de favores, nos compromissos familiares. (MARICATO, 1982)

- Relacionar moradia e lote com as atividades produtivas das famílias, com registro iconográfico e conhecimento das funções dos vários anexos que compõem o entorno da unidade familiar.

Para a execução dos objetivos apresentados, foram realizadas as seguintes etapas, a primeira de base teórica, a segunda dirigida à coleta de dados socioeconômicos da região, a terceira partiu do levantamento dos dados colhidos *in loco* por meio de visitas de campo e a quarta de caráter sintético e sistematizador com a qual se apresentou um produto que aprofunda a compreensão sobre o tema em questão.

A base teórica partiu de uma revisão de literatura com o propósito de fundamentar teoricamente aspectos inerentes ao objeto de estudo, isto é, sobre a casa e seu lote no espaço rural. Foram vistas bibliografias que tratam sobre conceituações referentes ao rural, como este espaço é configurado, quais são os conceitos que o envolvem, assim como a diferença entre urbano e rural, com o objetivo de entender os pensamentos que discutem este assunto no decorrer dos anos, que possibilitou um traçar característico que auxiliou no desenvolvimento do tema. Estudou-se também sobre a moradia rural e seu lote, em que se fez um estudo sobre suas caracterizações e as formas de produção e sociabilidade das famílias neste meio, assim como das construções em terra, com ênfase para as técnicas construtivas encontradas em Pequizeiro e das tipologias utilizadas na construção da identidade da habitação rural no nordeste e no estado. Com o resultado da parte teórico-conceitual foi possível conhecer melhor o referido tema, permitindo que o uso dos saberes existentes fossem aplicados para o caso específico, ajudando nas identificações necessárias e dessa forma contribuindo para o entendimento.

Com o fim de expor a realidade socioeconômica, construindo um relato para melhor entender as condições vividas pela população da região, foram levantados dados relacionados à população, renda, educação, longevidade e saneamento ambiental, em Belágua e em Pequizeiro, recorrendo como fonte de pesquisa ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, ao Departamento de Informática do SUS - DATASUS e ao Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos – IMESC.

Na terceira etapa do processo foi efetuado o recolhimento de informações e dados alcançados com as pesquisas de campo sobre Produção, Sociabilidade e Espaço no Meio Rural, no povoado de Pequizeiro, Belágua, onde se fez uso das entrevistas e questionários aplicados, dos levantamentos arquitetônicos das casas, assim como dos croquis dos anexos presentes no lote e levantou-se também as fotografias que identificam graficamente os ambientes internos e externos das edificações, além dos elementos existentes no entorno de cada uma delas.

Como última etapa desenvolvida, foram sintetizados e sistematizados todos os aspectos vistos nas etapas anteriores, desde as literaturas estudadas e os dados socioeconômicos até os levantamentos alcançados com as visitas de campo realizadas, que foram correlacionados para se obter características próprias do espaço da moradia rural no Povoado, observou-se quais as características deste, quais as relações que o permeiam, tanto produtivamente, quanto socialmente e pontuou-se suas particularidades, sendo descritos além de um caráter geral, exemplos de duas famílias, uma com casa em adobe e outra em taipa de mão, com o intuito de obter um produto de caráter identificador e propagador para investigações relacionadas ao tema abordado.

Assim, a moradia e o lote rural foram vistos conforme sua construção e espacialização, além de uma abordagem sobre as ações cotidianas que caracterizam as atividades produtivas e relações sociais que ocorrem no ambiente doméstico.

2 O ESPAÇO RURAL – Conceituações e caracterizações.

O espaço rural possui diversos saberes tradicionais que são refletidos em práticas e valores, ao conhecê-los é possível um entendimento maior sobre esta realidade, possibilitando uma compreensão que discuta as formas de viver, morar e produzir neste meio, de forma a provocar a partir da caracterização deste, o enfrentamento do espaço urbano como padrão de vida. Levando em consideração tais questões, serão vistos aspectos da literatura que caracterizem e conceituem este espaço, buscando um olhar mais abrangente do meio rural.

É comum no país, diversos estudos a respeito do espaço urbano, porém, o espaço rural possui valores que precisam ser conhecidos, pois tanto economicamente, quanto socialmente este meio contribui para o progresso da sociedade como um todo. Abramovay (1998) *apud* Wanderley (2004) fala sobre o fato de que o Brasil é visto por pesquisadores e planejadores a partir das cidades e estes desconhecem o valor econômico e social presente no meio rural.

Um grande problema encontrado no meio rural é o êxodo de sua população, pois este processo que para alguns é considerado como saída para as dificuldades encontradas, sendo assim considerado como “avanço”, na verdade é um dano para a vitalidade deste espaço. Wanderley (2004) ao falar do êxodo rural comenta que ele é considerado como “solução” para os problemas encontrados no espaço rural, pois a redução da população neste meio é vista como sinal de “progresso”. Porém, Wanderley (2000) afirma que o êxodo da população rural é traduzido na perda da vitalidade social.

O Brasil é diverso no que tange aos espaços rurais, sobre isso Wanderley (2004) aborda a participação das grandes propriedades rurais e dos pequenos agrupamentos. Os pequenos agrupamentos são essenciais para entender as relações que acontecem entre a população deste meio, é neles que segundo Candido (2010) acontece a sociabilidade, pois na sociedade caipira³ ao visarem o bem comum, são realizados trabalhos coletivos que exigem uma ajuda mútua. São as melhores condições de vida que possibilitam um trabalhar conjunto e nisto permitem a troca de relações.

³ Candido (2010) utiliza o termo *caipira* para designar os aspectos culturais tradicionais do homem do campo (um modo de ser, um tipo de vida).

No meio rural existem relações sociais específicas em que Wanderley (2000) caracteriza como um *singular espaço de vida*. Muitas das relações que acontecem neste meio estão relacionadas à família, pois este espaço é caracterizado como o lugar desta instituição. Wanderley (2004) comenta que o meio rural é o lugar da família e está diretamente voltado ao seu patrimônio. É onde as relações de parentesco e vizinhança são consideradas como base da vida social, pois quando esta população necessita partilhar atividades relacionadas ao trabalho, as práticas produtivas, de lazer e a vida religiosa, as relações se estendem. Segundo Brandenburg (2010) o rural é resultado de ações coletivas que constroem um espaço de vida e trabalho. É possível notar com isso que o espaço rural é dotado de relações pessoais ligadas ao convívio familiar e ao trabalho direcionado às condições que mantenham a vida.

O IBGE ao divulgar os conceitos e definições relacionados aos resultados referentes ao Censo Demográfico de 2010 classifica segundo a localização dos domicílios, eles em situação urbana ou rural.

“Os domicílios de situação urbana são aqueles localizados nas áreas urbanas, que são as áreas internas ao perímetro urbano de uma cidade ou vila, definido por lei municipal. As áreas urbanas são classificadas em área urbanizada, área não urbanizada e área urbana isolada. Os domicílios de situação rural são aqueles localizados nas áreas rurais, definidas como áreas externas aos perímetros urbanos, inclusive nos aglomerados rurais de extensão urbana, povoados, núcleos e outros aglomerados.” (IBGE, 2011)

O que se percebe diante desta definição é o conceito de rural, baseado naquilo que não é urbano, ao invés da demonstração de características próprias deste meio. Wanderley (2004) aponta para uma legislação brasileira que dá privilégio as funções político-administrativas fundamentadas com base nas cidades, e o espaço rural se caracteriza por um espaço disperso relacionado ao centro municipal e que não absorve os serviços essenciais, sendo ausentes bens e serviços, um espaço assim descrito por Wanderley como “sempre referido à cidade, como sua periferia espacial precária, dela dependendo política, econômica e socialmente.” Wanderley (2000) aborda que independente da dimensão da população e dos equipamentos coletivos, ao considerar um espaço como sede municipal, ele é visto como espaço urbano, sendo assim o espaço rural como o entorno da cidade, onde são predominantes as paisagens naturais e o uso da terra com as produções agrícola, por exemplo.

Existem, porém, definições na literatura, diferente das políticas-administrativas, que não caracterizam o espaço rural como oposto ao urbano, mas sim relacionado às cidades. Costa (2002) *apud* Vale (2005) fala de uma complementação, interligada e ao mesmo tempo distinta, que resulta em realidades paralelas entre o urbano e rural, porém dependentes. Com isso, é possível perceber que mesmo havendo diferenças entre o espaço rural e o urbano, eles estão vinculados um ao outro.

Enquanto o espaço rural for apenas uma expressão dos restos das cidades, ele vai no máximo receber políticas compensatórias à sua decadência e pobreza; mas se, ao invés disso, este espaço for capaz de satisfazer as funções necessárias aos seus habitantes e também às cidades, poderá se aplicar ao meio rural a noção de *desenvolvimento*⁴ (ABRAMOVAY, 2000).

Ao fazerem considerações a respeito do rural, outros países o relacionam a localidades que alcançam certo patamar populacional. Veiga (2002) aponta que para além do tamanho populacional, devem ser considerados ainda dois critérios, a localização e a densidade demográfica, pois só assim se conseguiria uma configuração territorial que evite a definição imposta pela norma legal e caracterize corretamente este espaço.

Marques (2002) cita Sorokin e Zimmermann (1986) que ao tratarem do caráter dicotômico entre o meio urbano e o rural identificam suas diferenças em oito traços: (1) diferenças ocupacionais ou principais atividades em que se concentra a população economicamente ativa; (2) diferenças ambientais, estando a área rural mais dependente da natureza; (3) diferenças no tamanho das populações; (4) diferenças na densidade populacional; (5) diferenças na homogeneidade e na heterogeneidade das populações; (6) diferenças na diferenciação, estratificação e complexidade social; (7) diferenças na mobilidade social e (8) diferenças na direção da migração. Vale diz que Kageyama (1998) encontrou no Dicionário de Ciências Sociais (p. 1090) mais três características para o espaço rural: menor diferenciação social; menor mobilidade social e espacial; posse da terra como o centro convergente do sistema político-econômico. Kayser (1990) *apud* Marques (2002) diz que o espaço rural tem um modo particular de utilização do espaço e de vida social.

⁴ Paulo Freire (1983) ao falar de desenvolvimento, não o considera como um processo mecânico, mas que tem o ponto de decisão encontrado no ser que se transforma. Seria uma transformação capaz de gerar melhorias de forma geral para as condições de vida.

A partir de então é possível perceber que este espaço tem características próprias relacionadas à vida econômica, social e ambiental.

É importante salientar sobre a importância das características naturais do espaço rural, que criam formas sociais específicas de determinado local, Marques (2002) inclusive dispõe que:

“O espaço rural corresponde a um meio específico, de características mais naturais do que o urbano, que é produzido a partir de uma multiplicidade de usos nos quais a terra ou o “espaço natural” aparecem como um fator primordial, o que tem resultado muitas vezes na criação e recriação de formas sociais de forte inscrição local, ou seja, de territorialidade intensa.”

Uma questão relevante, levantada por Abramovay (2000), é que cidades não são definidas por indústrias assim como o campo não é pela agricultura. Mesmo a agricultura sendo a grande fonte de geração de emprego e renda no espaço rural, ela não pode defini-lo, pois é considerado o crescimento de atividades econômicas múltiplas, até mesmo em regiões pouco desenvolvidas, assim como existem empreendimentos agropecuários em áreas urbanas. Desta forma, a agricultura é uma característica a mais da economia no espaço rural e não um padrão a ser seguido.

Harris (1956) *apud* Wanderley (2004) fala sobre o ideal do homem do campo que está relacionado à água e terra suficiente para alimentação de sua família, enquanto o homem urbano almeja a riqueza com o solo (valor de troca), o rural almeja o solo para plantar e sobreviver (valor de uso). O que regem as ações da vida rural neste caso são as necessidades cotidianas, através da apropriação da terra pelo homem ele recolhe recursos necessários para o sustento, com o seu trabalho e de sua família garante a subsistência. Um meio rural dinâmico está relacionado segundo Wanderley a uma população que o utiliza como local de vida e trabalho. Vale (2005) destaca sobre a dificuldade de sobrevivência que a população rural enfrenta, onde a agricultura necessita de um trabalho árduo, mas nem sempre compensatório.

Já o camponês advindo da modernização, onde as condições de vida e trabalho são redefinidas e reorganizadas, é incorporado ao mercado e começa a ter relações comerciais, os objetos industriais ocupam o lugar dos artesanais e a produção familiar é direcionada também para o mercado (BRANDEMBURG, 2010).

Mesmo que muitas vezes o meio rural seja visto como causa de problemas, existem indícios de que este meio pode ser portador de “soluções”, a partir do

momento em que gera alternativas para o problema do emprego, para o aumento da qualidade de vida, relacionado neste caso ao contato com a natureza por meio do turismo rural ou também pela escolha de residir em áreas rurais e quando intensifica as relações sociais de forma mais pessoal (WANDERLEY, 2004).

O espaço rural possui algumas situações específicas consideradas por Wanderley (2000), algumas de suas sugestões quanto a este espaço, o caracterizam como: a) um produto de consumo da população urbana. São os casos em que pessoas originalmente urbanas se deslocam e instalam no meio rural, visando uma qualidade de vida; b) um local que perde sua vitalidade social com o predomínio das grandes culturas. São os casos da monocultura da cana-de-açúcar ou da soja, por exemplo, onde a maioria da população são os assalariados das plantações; c) um local onde a agricultura familiar é o centro de uma vida social intensa. As áreas de agricultura familiar possibilitam uma maior intensidade de vida social local; d) um local onde os efeitos do êxodo rural são devastadores sobre as áreas de agricultura familiar. Quando levados pelas “oportunidades” que as cidades oferecem, uma parcela significativa da população rural sai do campo.

Diante de todas as questões aqui expostas, é possível perceber as diferentes características que o espaço rural possui, sendo ele detentor de diversas relações familiares, culturais, econômicas, sociais e ambientais, não apenas como um espaço que não é urbano, mas consistindo em um espaço que apesar dos problemas enfrentados, é gerador de inúmeras possibilidades.

3 A MORADIA RURAL

É importante aprofundar o entendimento da realidade rural por meio da análise da casa, pois com isso, é permitido conhecer os saberes tradicionais envolvidos nas ações cotidianas referentes ao construir, morar, produzir e se relacionar. As pesquisas referentes à moradia rural quando comparadas às urbanas ainda são insuficientes, o que dificulta a investigação de aspectos relacionados a este quesito. Pinheiro (2011) fala sobre a necessidade do avanço da investigação deste tema, pois os estudos existentes são poucos e desatualizados:

“[...] é preciso avançar com a investigação para outros estudos referentes à habitação, com o intuito de obter uma visão mais abrangente tanto do conjunto dos aspectos como das dimensões inerentes ao objeto de estudo, tendo em vista a escassez e a desatualização das investigações em torno da moradia rural brasileira.”

Pinheiro (2011) discorre também sobre o fato de que a moradia rural deve ser compreendida com estudos voltados para aquelas que são produzidas à margem das políticas públicas, por meio da autoconstrução e sem assistência técnica, onde se levam em conta as necessidades da família, observando as condições e contextos de cada uma delas.

Costa e Mesquita (1978) consideram que:

“Morar constitui uma necessidade básica do homem. Ao construir a habitação, ele lhe imprime o próprio padrão econômico e sua condição sócio-cultural, utilizando, geralmente, o material fornecido pela natureza que o cerca, de acordo com as técnicas que ele domina. Isto se evidencia claramente no caso da habitação rural, objeto do presente estudo.”

A casa é a materialização de um espaço para morar, viver, trabalhar e através dela é possível satisfazer uma necessidade básica do homem, para tanto é imprescindível o levantamento de estudos que revelem sobre a questão da moradia, neste caso a moradia rural, o que a define, qual é sua tipologia, como ela é produzida, qual sua relação com as atividades produtivas e quais relações sociais que se manifestam nela.

É essencial entender as condições que fazem da moradia um local habitável, pois a habitabilidade das edificações possibilitam pensar no benefício de seus moradores, Bonduki (2001) destaca:

“O indicador referente à habitabilidade da unidade habitacional diz respeito ao conjunto de aspectos que interferem na qualidade de vida e comodidade

dos moradores, bem como na satisfação de suas necessidades físicas, psicológicas e sociais.”

Malard (2005) *apud* Pinheiro (2011) ao discutir o conceito de qualidade das habitações define quatro categorias: a) Tecnológicas, que se referem aos materiais, componentes e sistemas construtivos empregados; b) Locacionais, referentes à articulação da moradia com os serviços, equipamentos e outras funções; c) Micro ambientais, relacionadas às infraestruturas de suprimentos e de saneamento, d) Comunicacionais, que dizem respeito à dimensão simbólica do habitar.

Ao falar de habitação rural, é preciso entender que ela é composta por uma variedade de tipos, que se relacionam ao meio físico e a uma economia regional. A casa urbana se limita na maioria das vezes à função residencial, já a casa rural abrange outras funções, onde serve como armazém e benefício da produção. É na natureza que são fornecidos os materiais para sua construção (COSTA e MESQUITA, 1978).

A casa rural é a forma como a população deste meio se apropria do espaço, ela possui funções que permitem as atividades diárias e além do seu valor de uso, possui um valor cultural. Arruda (2007) ao falar da casa do campo diz:

“A casa no campo é a apropriação material e simbólica do espaço. O valor social que se dá ao objeto, ou ao que representa a casa, tem aí, além da funcionalidade do cotidiano territorializada no habitat, significados afetivo e simbólico que certamente representam uma série de valores da família camponesa, construídos a partir da sua trajetória histórica, dando sentido da tradição para a sua prática. Vê-se a morada como um espaço qualitativo, como objeto com uso e valor cultural, com símbolos que são apropriados através do tempo.”

Pensar na moradia rural é também pensar no lote em que ela está inserida, este local é fundamental na vida de seus habitantes, pois nele se estendem atividades que estão relacionadas ao grupo familiar e que são especializadas no exterior da casa. Arruda (2007) comenta:

“No campo, o sentido de morar não se circunscreve à casa propriamente dita, o espaço dominado e preconcebido do mundo moderno. Grande parte das atividades rurais acontece no exterior dessa mínima unidade material que é a casa. É no exterior que parte do trabalho da família se espacializa.”

Piccini (1996) *apud* Pinheiro (2011) fala que o espaço da moradia rural é além da casa composto por seu entorno imediato, tendo configuração de alpendre, varanda e/ou quintal. Neste espaço são percebidas duas escalas. Uma referente aos ambientes internos e externos especificamente das moradias de uma família e a

outra aos *núcleos de parentesco*, onde ligadas por laços, famílias ocupam um mesmo lote e as diferentes edificações, como casa, depósitos, galinheiros e outros são espaços coletivos entre todos. No que se refere à organização interna das casas, existem variantes no decorrer do tempo.

Heredia (2013) em seu trabalho faz uma análise da oposição *casa-roçado*, fazendo uma relação entre unidade de produção e unidade consumo, onde no roçado são produzidos os produtos para o abastecimento do consumo da família e na casa é materializado o consumo. O trabalho do roçado é definido como sendo do pai e o da casa, sendo da mãe. É a oposição *masculino-feminino*, que além de ser vista na divisão de trabalho, percebe-se na disposição das atividades desenvolvidas na casa. A sala como lugar menos privado da casa ao comunicar o interno com o externo, é o espaço do pai de família, sendo local de descanso e de conversas. Já o espaço delimitado para a mulher é a cozinha, onde são preparados os alimentos e devido a isso o lugar de maior permanência dela durante o dia.

Kapp (2012) cita três tipos de moradia no espaço rural: a unidade agrária familiar, a unidade agrária empregadora e a unidade agrária não produtiva. A primeira está relacionada às moradias referentes a atividades produtivas de base familiar ou de empreendimentos produtivos de pequeno porte. A segunda está relacionada a empreendimentos produtivos de médio ou grande porte, assim como de moradias de trabalhadores que são empregados e tem baixa renda. Por fim a terceira está relacionada a latifúndios improdutivos, fazendas, sítios, onde existe pouca ou nenhuma atividade agropecuária.

A autora faz também algumas classificações relacionadas às moradias rurais, as classificando com tendências dispersas, onde o acesso aos serviços urbanos é difícil; a família ou pequeno grupo é a instância que produz os ambientes e edificações; é característica a relação entre moradia e trabalho.

Com base nestas classificações e em todos os aspectos então relatados, entende-se que, geralmente o espaço produzido pelas diferentes edificações que compõem o local da morada rural é construído pela própria família, ou um grupo menor e com materiais do meio natural. O espaço da moradia é local de morada e de trabalho da família, pois neste acontece a produção familiar, produção esta que serve para o consumo e que quando há excedentes é comercializada. É um local onde, no contexto das famílias, relações de proximidade acontecem. A moradia rural muitas vezes também está relacionada à carência de serviços e infraestrutura.

3.10 Lote

Tendo em vista que no lote onde se constrói a moradia rural inúmeras edificações compõem um complexo produtivo, indispensável para a reprodução social da família, este será estudado. Ao falar da moradia rural e do seu lote, Arruda (2007) dispõe:

“O quintal é a extensão de uma série de atividades não circunscritas no corpo da casa. A horta, as árvores, o pomar, a criação, o plantio de subsistência e ainda as outras unidades materiais como o banheiro, a área de lavagem de roupa, o poço, o paiol, o galinheiro, em alguns casos a cozinha com o fogão a lenha, a casa de farinha... O quintal se consolida como unidade de produção, portanto, de reprodução da família.”

No lote onde a casa rural se encontra, além de existir plantações e os animais, é percebido também diversos anexos, que servem como locais de armazenagem (produtos, animais etc.), como locais de trabalho (casas de farinha, cozinha externa, local de lavagens). Além disso, os banhos e as necessidades são feitos fora da casa, tendo então anexos destinados para este fim.

O lote em que a moradia rural está inserida é local fundamental na vida de seus habitantes, pois nele se estendem atividades que estão relacionadas ao grupo familiar e que, segundo Arruda (2007), são espacializadas no exterior da casa. Arruda quando fala da casa-quintal a considera como chão de moradia e terra de plantio.

Oakley (2004) ao explicar sobre os quintais domésticos diz que estes “localizam-se no interior da propriedade familiar e funcionam como despensas naturais às quais as mulheres recorrem para o preparo das refeições diárias”.

Pinheiro (2008) comentando sobre o arredor da casa o considera como lugar de conversas, brincadeiras, festejos, um lugar de significados, além de ser um sistema produtivo que gera renda para as famílias devido às hortaliças e frutas ali produzidas, assim como dos animais criados, tendo além do valor de consumo para a família um valor comercial.

Carneiro et al, (2013) ao discorrer sobre os animais criados no quintal (gado, porcos, cabra, etc.) diz que estes são abatidos apenas em acontecimentos especiais (casamento, batizado, etc.), utilizando-se diariamente somente a galinha e os seus ovos, assim como o leite das vacas. Quanto à venda destes, se percebe que a mesma acontece quando são necessários recursos financeiros para que a família adquira outros produtos, os quais não podem ser produzidos por ela.

Ambrósio et al, (1996) cita Harwood (1986) ao falar da importância das diversas funções que as plantações nos quintais desempenham: 1) as árvores proporcionam sombra e abrigo, quando selecionadas e espaçadas de forma adequada; 2) se bem estabelecidas as plantações possuem valores estéticos e recreativos, contribuindo para o bem estar geral da família; 3) a densidade das árvores permitem um grau de privacidade para as famílias; 4) os cultivos acrescentam na dieta das famílias, proporcionando complementos que cultivos básicos como o arroz e o milho não oferecem, além de permitir que alguns produtos que não podem ser adquiridos no mercado, devido as condições econômicas da família, sejam então produzidos, permitindo também o enriquecimento do sabor de pratos tradicionais; 5) quando a produção do quintal pode ser vendida ela garante uma renda complementar para a família; 6) algumas das espécies cultivadas podem servir como combustível para cozinhar e como materiais para construção e manutenção; 7) são aproveitados esterco e resíduos vegetais no cultivos dos quintais, não gerando acúmulo e mantendo a limpeza.

É percebido, assim, que o espaço ao redor das casas no meio rural é de suma importância para as famílias, pois permitem a realização de atividades cotidianas pessoais, de trabalho e de produção, gerando produtos para o consumo e para a comercialização, além de ser um local que possibilita o desenrolar de relações sociais, pois é lugar de reuniões e conversas onde a família e os vizinhos se comunicam e auxiliam.

4 CONSTRUÇÕES EM TERRA

Serão estudadas neste capítulo as construções em terra, especificamente o adobe e a taipa de mão, pois são os materiais utilizados nas casas rurais estudadas nesta pesquisa. O objetivo é compreender os diferentes aspectos relacionados à sua produção, conhecendo o que a literatura discorre sobre elas, traçando características que permitam entender o seu valor para a arquitetura popular brasileira.

Existem estudos que referem a construção de terra, como forma de viver de um terço da humanidade, não existe comprovação científica de tal, mas revela um valor da terra como material de construção. As primeiras cidades foram construídas de barro. A terra é utilizada também por pessoas que na falta de recursos financeiros para adquirir produtos industrializados, constroem suas casas. Para empregar o uso da terra é necessária pouca energia. Combinada a outros materiais ela tem sua resistência compensada. Não precisa de elevados investimentos para trabalhá-la, é barata, reaproveitada e as próprias mãos servem para manejá-la. Ao transpirem as paredes de terra permitem equilíbrios relacionados à umidade e temperatura. Ela é colhida no local, não precisando gastos com transporte (WEIMER, 2005).

A terra é um material há muito tempo empregado nas construções, ela garante o abrigo de muitos e é perceptível que na sua utilização, a mesma apresenta muitos benefícios, demonstrando a importância que sua aplicação transmite. Serão vistos a seguir duas formas as quais ela é aplicada.

4.1 Adobe

Segundo o Dicionário da Arquitetura Brasileira o adobe é definido como:

“Paralelepípedo de barro de grandes dimensões, que difere do tijolo por não ser cozido ao forno. De barro cru (sêco a sombra e, depois, ao sol) é composto de argila e areia em pequena quantidade. Ao barro é misturado estrume ou fibra vegetal, ou ainda crina, com o fito de obter-se maior consistência nos blocos. Podem ser argamassados com barro e devem ser revestidos com massa de cal e areia. Existem as variantes morfológicas **adobo** e **adoba**. O termo é de origem árabe attobi.” (CORONA e LEMOS, 1972)

É uma técnica usada desde a antiguidade, considerada universal, pois a conhecem em todos os continentes. Ele pode ser assentado sem cura, dispensando o uso da argamassa, pois com barro úmido é possível a colagem, porém se houver

retração pode ocasionar fissuras. É uma técnica denominada como “bolo de barro”. Usualmente é compactado dentro de armações de madeira, que podem ser simples ou múltiplas. A mistura de palhas ou fibras animais previne fissuras. (WEIMER, 2005).

O adobe é uma técnica construtiva, que devido à facilidade para encontrar o material – terra, fibras e água – e a facilidade de execução, permite assim como outras construções em terra, produzir de uma construção sem altos custos e com qualidades ambientais para a população, sendo um meio de garantir moradia às pessoas de baixo poder aquisitivo.



Figura 1: Casa de adobe com cobertura de palha, no Povoado de Pequizeiro, em Belágua, MA.
Fonte: LATESE, 2016.

4.2 Taipa de Mão, de Sebe ou de Sopapo

Galhos verticais são unidos por varas horizontais, que são amarrados entre si formando um requadro e nas frestas há o preenchimento com o barro molhado, amassado com os pés, as mãos, ou outros meios e depois são alisados manualmente ou com pedaços de madeira. Outra forma de preencher é quando

bolas de barro moldadas com as próprias mãos são arremessadas no tramado, ao se atirar o barro, alcança-se uma melhor ligação das duas camadas. O barro pode ser colocado somente no interior ou exterior das paredes, ou dos dois lados, resultando em uma liga perfeita na estrutura. É costume misturar palhas ou fibras para evitar fissuras. Geralmente o acabamento é grosseiro, então aplicam-se camadas novas de barro, sem mistura e mais plástica que permitem um melhor acabamento. (WEIMER, 2005).



Figura 2: Casa de Taipa de Mão com cobertura de palha, no Povoado de Pequizeiro, em Belágua, MA.

Fonte: LATESE, 2016.

Corona e Lemos (1972) fazem uma observação importante sobre a taipa:

“Enquanto antigamente a taipa de mão estava vinculada a perfeito serviço de carpintaria e a ótimas e abundantes madeiras de lei, hoje em dia ela não passa de recurso modesto ao qual apela o lavrador sem meios e sem aprimoramento técnico.”

É possível perceber então que a taipa de mão pode ser aplicada de muitas maneiras e que já foi referência para construções no passado, porém ela foi desvalorizada com o tempo, não sendo aplicada cotidianamente como escolha, mas como necessidade, por não poder construir com os materiais padrões do mercado urbano, perdendo seu valor cultural, haja vista que existem exceções.

5 TIPOS DE HABITAÇÃO RURAL NO NORDESTE

As condições de moradia da população rural na região Nordeste do país se apresentam de acordo com o livro Tipos de habitação rural no Brasil, (COSTA e MESQUITA, IBGE: 1978), com três tipos de habitações rurais predominantes (Fig. 1). A casa de sopapo ou barrote, localizadas em áreas de pequenos e médios estabelecimentos rurais, a casa dos babaçuais, localizadas nas áreas de extrativismo e as fazendas de criação de gado do sertão nordestino, que se localizam em áreas de criação primitiva, sobre estas três será discorrido abaixo. Vale destacar que, em função da data em que foi elaborada a pesquisa que resultou na publicação do IBGE, existem hoje outros tipos de habitação na região que não são mencionadas no livro.

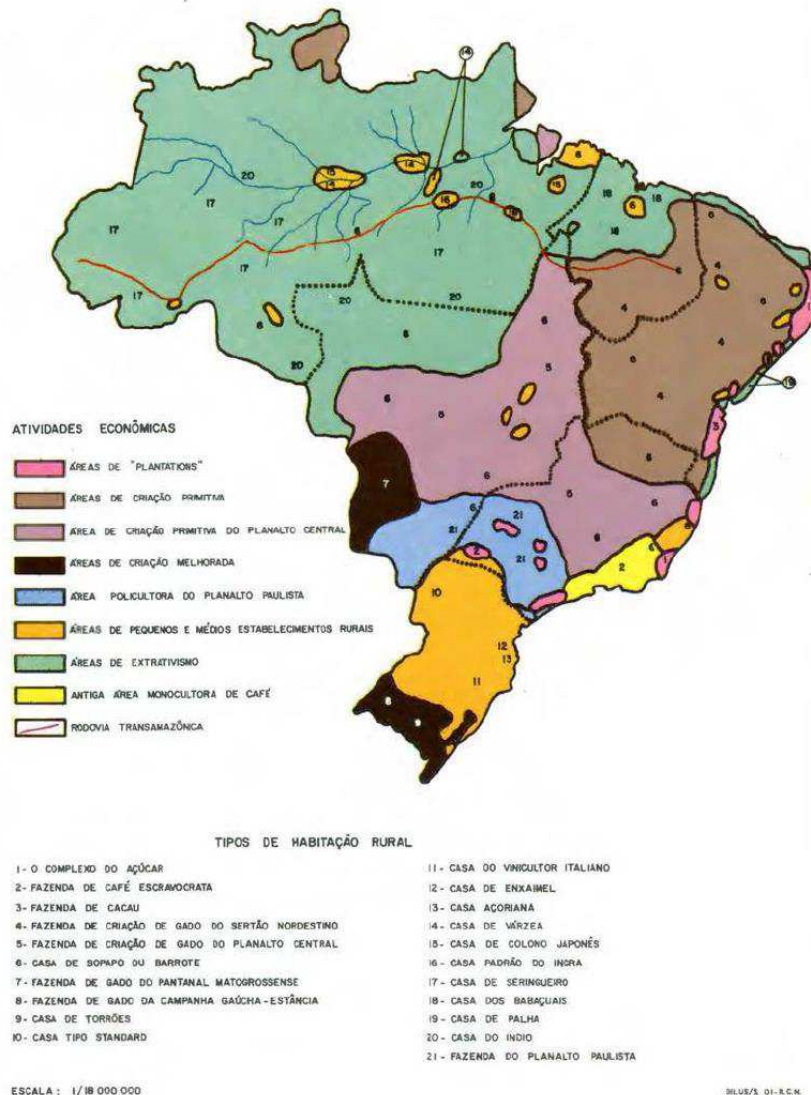


Figura 3: Mapa indicativo dos tipos de atividades econômicas e tipos de habitação rural no Brasil.
Fonte: COSTA; MESQUITA, 1978.

Também será discorrido abaixo sobre a arquitetura rural do Piauí, pois o material empregado e sua concepção apresentam semelhanças regionais com as casas rurais do Maranhão, casas estas que também serão exemplificadas em subitem abaixo.

5.1 Casa de sopapo ou barroto

Segundo a publicação do IBGE, o principal local onde se encontram este tipo de habitação é no sertão nordestino e no planalto central, locais de ocorrência da caatinga e do cerrado, é o tipo de habitação do pequeno trabalhador rural. As paredes destas casas são estruturadas em trançados xadrez com varas de bambu ou madeira roliça, amarradas com cipó e são preenchidas com material aproveitado do solo, a argamassa de barro, que é lançada no esqueleto e aplainada. Não é comum o reboco, porém quando acontece, são raramente pintadas. O telhado geralmente possui duas águas e a cobertura é feita com materiais encontrados na região como palhas ou até mesmo telhas. A fachada é composta por uma porta de varas de madeira e uma ou duas janelas, às vezes ficam espaços vazios, lugar das janelas. O chão é de terra batida e a planta geralmente é retangular. Os cômodos básicos são a sala, quarto e cozinha, é comum no nordeste uma dependência, conhecida como “puxado”, esta acompanha a parte de trás da habitação e é onde está situada a cozinha, feita de varas de madeira e palha. Não existem banheiros, os banhos e as necessidades acontecem do lado externo da habitação, quando o mato não é utilizado para se fazer as necessidades, são feitas pequenas construções, onde há um espaço para coleta dos dejetos e são feitos também espaços pequenos para tomar banho, onde utilizam a cuia ou lata. O mobiliário é simples, mesa, alguns bancos, redes e uma vez ou outra cama para o casal. Há a presença de anexos que funcionam como galinheiro, chiqueiro, etc (COSTA e MESQUITA, 1978).



Figura 4: Casa de sopapo em Maxaranguape, RN.
Foto. Orlando Valverde, 1961.
Fonte: COSTA; MESQUITA, 1978.

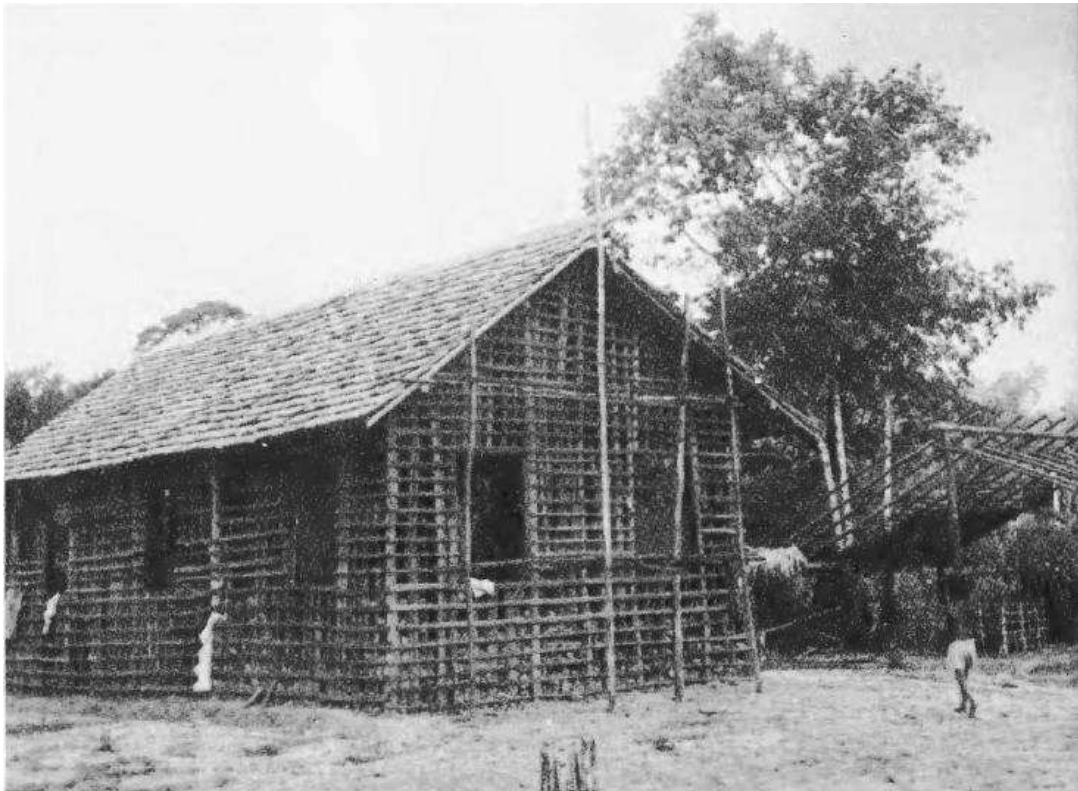


Figura 5: Casa com a estrutura das paredes de madeira, pronta para receber o barro, nas cercanias de S. Caetano de Odivelas, zona bragantina do Pará.
Foto IBGE/Mazzola, 1965.
Fonte: COSTA; MESQUITA, 1978.

5.2 Casa dos babaçuais

O livro do IBGE ao falar sobre as áreas em que há a ocorrência do babaçu, onde o extrativismo do coco é uma das bases da economia, no Maranhão, por exemplo, caracteriza como o local onde se encontram principalmente este tipo de habitação – a casa dos babaçuais. As paredes destas casas são de palha de babaçu, assim como a cobertura. De planta quadrangular possui geralmente dois cômodos grandes, a sala e o quarto, a fachada tem uma porta e uma ou duas janelas, feitas de palha. O chão é de terra batida e a cozinha é uma construção independente, porém próxima do fundo da casa. É fácil de construir, sendo todo material tirado da vegetação. Não possui instalações sanitárias, sendo os banhos tomados em bacias ou nos cursos d'água e as dejeções feitas no mato. O mobiliário é precário, sendo uma mesa, alguns bancos, redes. Os produtos colhidos na roça, geralmente são armazenados, nestas habitações, em um gradeado de varas ou hastes de babaçu (COSTA e MESQUITA, 1978).



Figura 6: Casas cobertas de palha em área de babaçu a 8 km a sudoeste de Tocantinópolis, CO. Foto Orlando Valverde, 1975.
Fonte: COSTA; MESQUITA, 1978.

5.3 Fazendas de criação de gado no sertão nordestino

Quanto às fazendas de criação de gado, a publicação retrata sobre o latifúndio de pecuária extensiva das fazendas de gado que apresentam as

habitações dispersas no interior das terras. Lá a agricultura é praticada em pequena escala de subsistência para as fazendas. É necessário o uso de cercas, formadas por troncos tortuosos, da caatinga, com o fim de evitar a invasão do gado que é criado solto. Nestas propriedades é presente a instalação de casas de telha, que é destinada ao proprietário e a casa de sopapo, destinada aos vaqueiros. A casa do proprietário é modesta, a fachada e os lados possuem alpendres, cercados de muro a meia altura, as paredes são de alvenaria e pintadas de branco, a cobertura é com telhas, de quatro águas, os cômodos são sala de estar e jantar, a alcova, vários quartos e dois banheiros. Já as casas dos trabalhadores são de sopapo, rústicas e de pequenas dimensões (COSTA e MESQUITA, 1978).

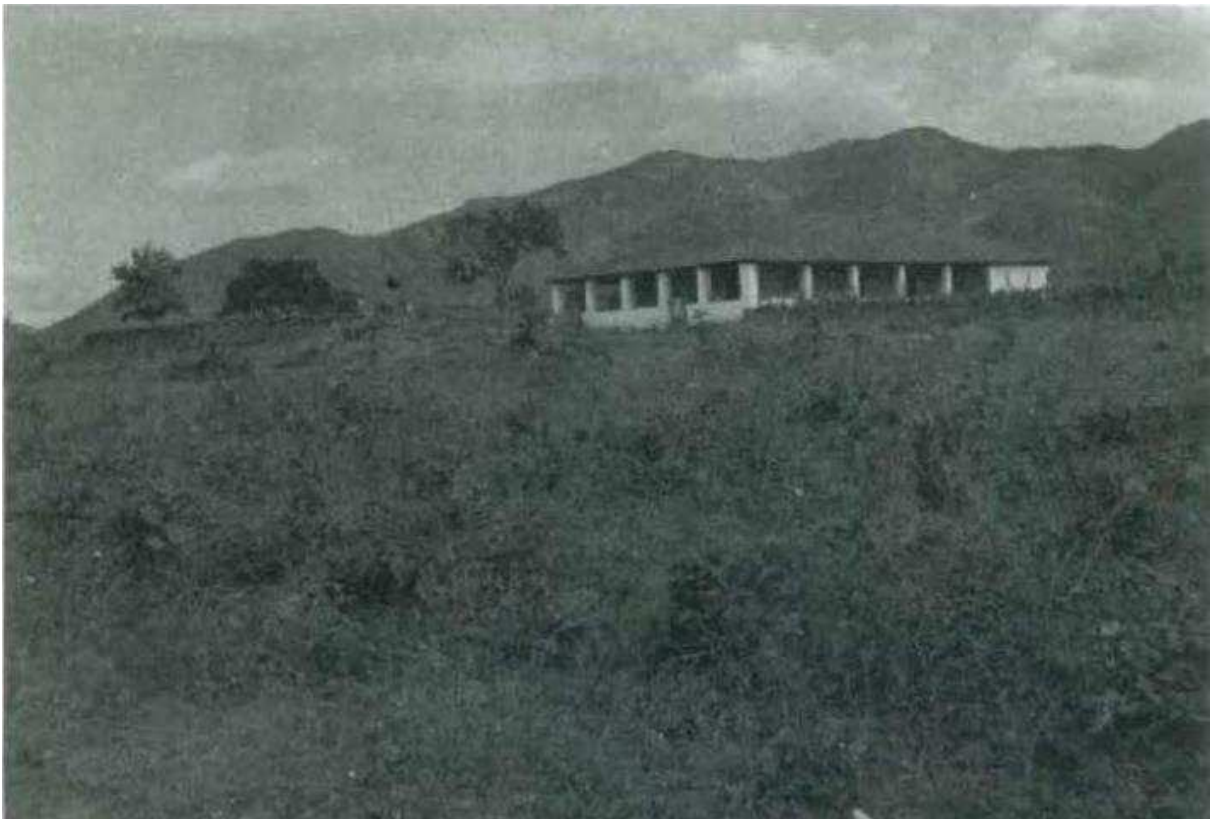


Figura 7: Casa de fazenda de gado, perto de Sobral, Ceará. Ao fundo, a serra da Meruoca. Foto Orlando Valverde, 1960.
Fonte: COSTA; MESQUITA, 1978.

5.4 Arquitetura Rural do Piauí

O que é percebido nestas habitações é que conforme falado por Costa e Mesquita (1978) sobre as moradias rurais de um modo geral, o principal material utilizado nelas é o encontrado na vegetação local, neste caso, principalmente a

carnaúba, que é usada da estrutura aos acessórios. Silva Filho (2007) ao falar das casas de carnaúba faz o seguinte comentário:

“[...] esteio de carnaúba, frechal de carnaúba, caibro de carnaúba, ripa de carnaúba, taipa de carnaúba, esteira de carnaúba, acessórios de carnaúba: banco, surrão, abano, vassoura, cera, polpa de carnaúba, cavalinho de carnaúba, marco de carnaúba.”

No sertão e arredores das cidades piauienses, encontram-se casas de palha e de taipa, com cobertura de palha ou de telha. Os principais materiais para construção são a carnaúba (como visto acima) e o buriti. As casas possuem varandas de beiral baixo, devido a grande preocupação de proteção do sol. Quanto às portas e janelas por vezes elas são feitas com o talo da folha de buriti, as paredes que dividem a casa também podem ser feitas assim. O mobiliário é simples, redes, bancos e mesas rústicos e potes (BARRETO, 1975).

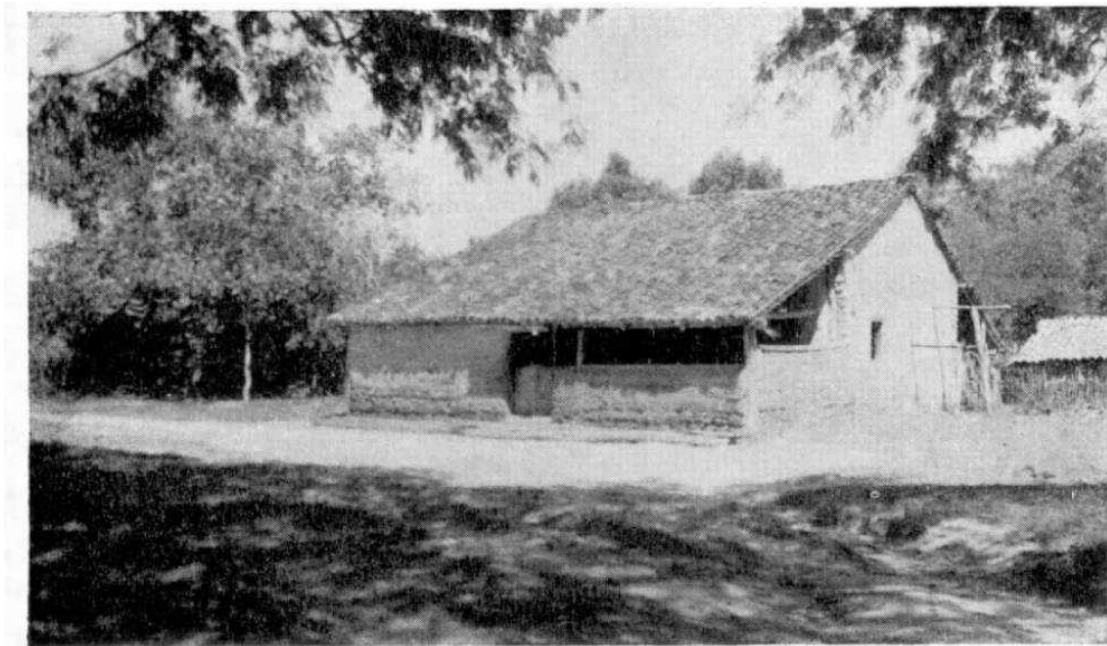


Figura 8: Casa de sertanejo no Piauí.
Fonte: BARRETO, 1975.



Figura 9: Armação estrutural de carnaúba para uma no campo, Piauí.
Fonte: SILVA F., 2007.

5.5 Tipologias do Maranhão

Segundo dados do IBGE (2010) os principais tipos de materiais das paredes externas dos domicílios rurais maranhenses são: alvenaria sem revestimento (tijolo cerâmico e adobe se encontram nesta categoria), madeira aparelhada, madeira aproveitada e taipa não revestida. (Gráfico 1).

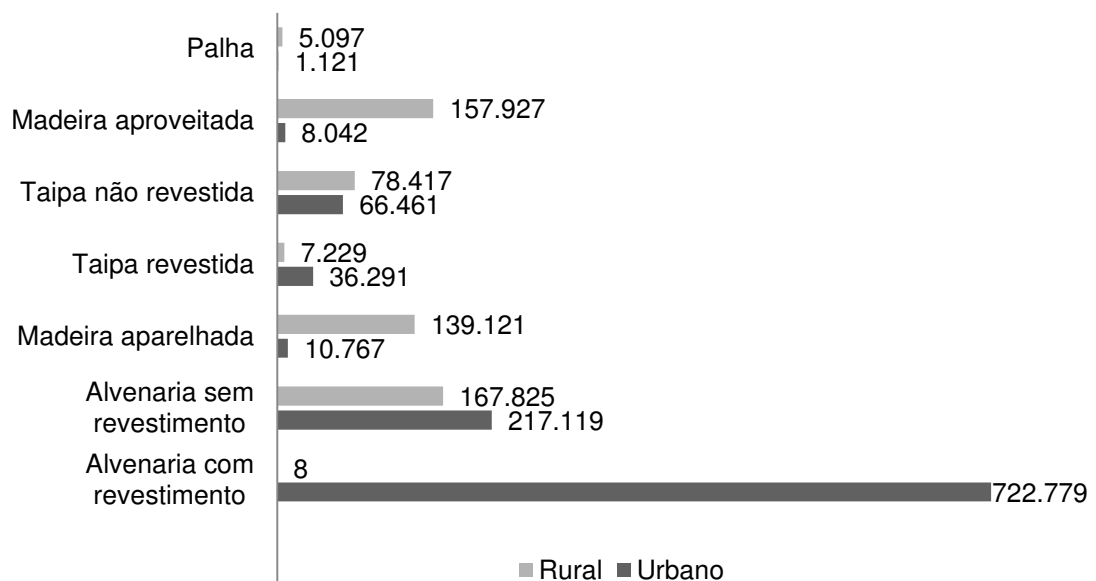


Gráfico 1: Tipos de materiais das paredes externas das moradias rural e urbana – MA.
Fonte: Gráfico gerado com base nos dados do censo demográfico de 2010, IBGE.

Levando-se em consideração os materiais das paredes apresentados no gráfico acima, serão expostas imagens referentes a quatro destes tipos no estado, demonstrando materiais predominantes que estão diretamente ligados à abundância de vegetação e solo característicos de cada região. Dentre os materiais predominantes na cobertura referentes às imagens abaixo, tem-se a palha e a telha cerâmica.

A. Casa de Adobe



Figura 10: Casa de Adobe, em Belágua - MA.
Fonte: LATESE, 2016

B. Casa de Taipa de Mão



Figura 11: Casa de Taipa de Mão, em Belágua - MA.
Fonte: LATESE, 2016

C. Casa de Palha



Figura 12: Casa de Palha, em Cajari - Ma.
Fonte: LATESE, 2016

D. Casa de Madeira



Figura 13: Casas de Madeira, em Buriticupu - MA.
Fonte: LATESE, 2017

6 O MUNICÍPIO DE BELÁGUA

Para compreender a localidade de estudo serão vistos aspectos gerais sobre o município em que o Povoado de Pequizeiro se encontra – Belágua. O município de Belágua está localizado ao leste do estado do Maranhão, a cerca de 220 km da capital, São Luís, a principal via de acesso a ele é a MA 325. O município situa-se na Mesorregião do Leste Maranhense – Microrregião Geográfica de Chapadinha e em relação às Regiões de Planejamento do Estado, encontra-se na Região do Alto do Munim. Os municípios limítrofes são Humberto de Campos e Primeira Cruz ao norte, Urbano Santos ao leste, Morros a oeste e São Benedito do Rio Preto ao sul. (Figura 13)

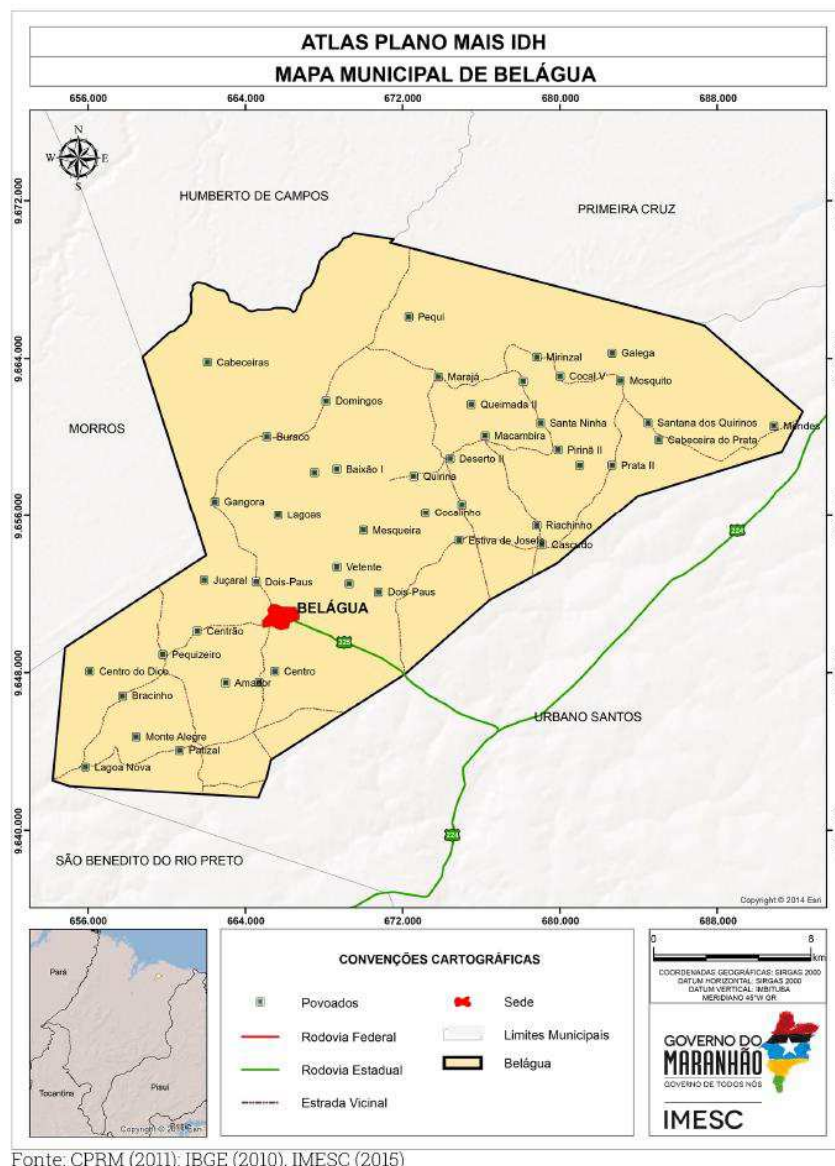


Figura 14: Mapa Municipal de Belágua.
Fonte: IMESC, 2016

A área de unidade territorial é 569, 428 km² (IBGE, 2015), tem densidade demográfica é de 13, 06 hab./km², possuindo uma população no último censo (2010) de 6.524 pessoas e com estimativa de 7.350 pessoas em 2016. A população urbana e rural do município, segundo dados do IBGE (2010), é dividida em praticamente 50% para cada área, sendo diferente em relação ao estado que tem a população urbana e rural com cerca de 63% e 37%, respectivamente e ao país com 84% e 16%, respectivamente (Gráfico 2).

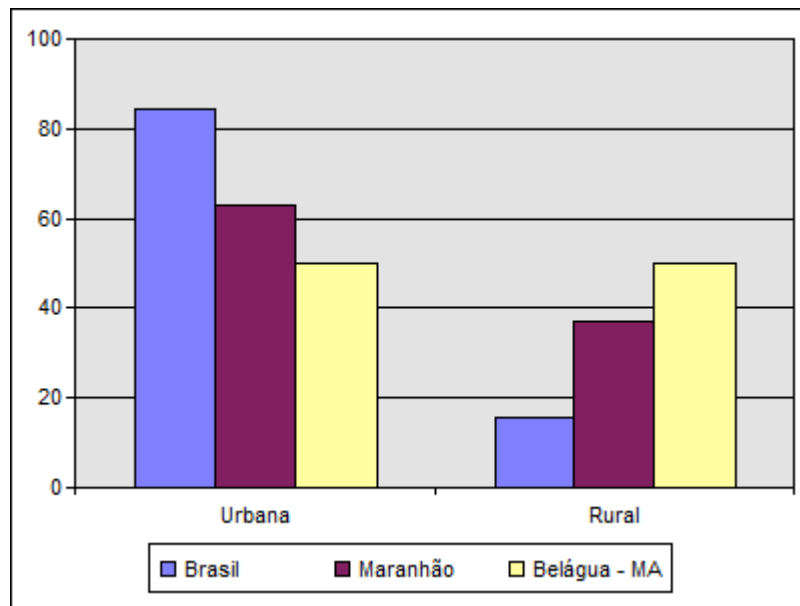


Gráfico 2: População Urbana e Rural, em Belágua, no Maranhão e no Brasil.
Fonte: SIDRA/IBGE, 2010.

O município foi emancipado em 1994, pela Lei Estadual Nº 6.130, de 10 de novembro de 1994, em que foi desmembrado de Urbano Santos. A sede de Belágua tinha uma área de 1,72 km², em 2013, correspondendo a 0,34% do território municipal. (IMESC, 2016).

O IDHM do município em 2010 foi de 0,512, onde o índice de Longevidade foi de 0,707, a Educação teve índice de 0,455 e o índice da Renda foi de 0,417, o município ocupa a 5.494^a posição entre os 5.565 municípios brasileiros, segundo o Atlas Brasil. Em relação ao estado, segundo uma classificação geral feita pelo IMESC, o município faz parte do grupo de 30 municípios com os menores IDH.

No território municipal de Belágua há a presença de três bacias hidrográficas: a Bacia Hidrográfica do Munim, as Bacias dos rios Preguiça e Peria, correspondendo a 69%, 18%, 14% do território municipal, respectivamente. Há relevante disponibilidade hídrica, em que se destacam os Rios Bandeira, Mocambo

e Santana, assim como outros menores, todos de grande importância para a população local. (IMESC, 2016).

No município acontecem manifestações folclóricas principalmente nos festejos juninos e acontecem também festas religiosas. O ecoturismo é uma característica em Belágua, pois apresenta cachoeiras, rios, trilhas, fontes e morros. O município possui duas quadras poliesportivas, campos de futebol, além de praças. (IMESC, 2016)

Em relação à educação o município possui cerca de 56% de sua população alfabetizada e 44% não alfabetizada, segundo dados do Censo demográfico do IBGE (2010). Dentro da população alfabetizada, 58% fazem parte da área urbana e 42% da área rural. Em relação ao estado essa porcentagem é de 68% e 32%, respectivamente, no que se referem ao país os valores são de 87% e 13%, respectivamente. Já a população não alfabetizada está em 41% na área urbana e 59% na área rural, em relação ao estado essa porcentagem é de 48% e 52%, respectivamente, relacionado ao país, os valores são 66% e 34%, respectivamente. (Gráfico 3)

O município apresenta três escolas de ensino médio, sendo uma na zona urbana e duas na zona rural. Quanto às escolas municipais, são cinco na área urbana e 26 na área rural. Duas das escolas municipais da área urbana oferecem a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e seis escolas municipais oferecem a EJA na área rural. (IMESC, 2016).

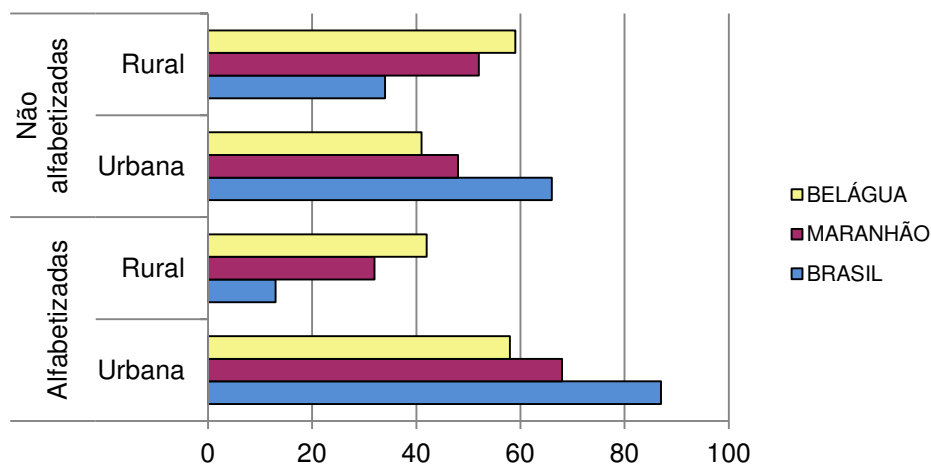


Gráfico 3: População alfabetizada e não-alfabetizada - Belágua, Maranhão e Brasil.
Fonte: SIDRA/IBGE, 2010.

O rendimento médio mensal dos domicílios no município de Belágua, segundo dados do Censo Demográfico de 2010, é de R\$ 680,61 na área urbana e de R\$ 389,37 na área rural, os valores do estado são R\$ 1.468,29 e R\$ 621,97, respectivamente, em relação ao país tem-se R\$ 2.316,91 e R\$ 970,06, respectivamente. (Gráfico 4)

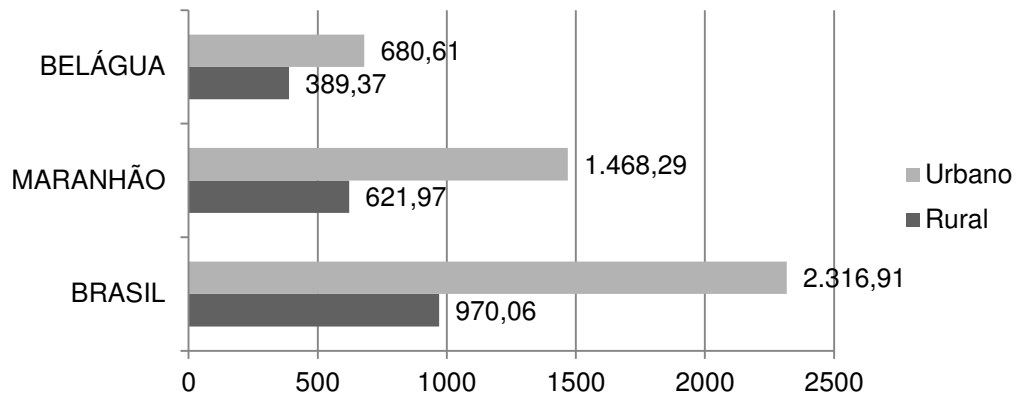


Gráfico 4: Rendimento domiciliar médio mensal – Belágua, Maranhão e Brasil.
Fonte: Gráfico gerado com base nos dados do IBGE, 2010.

Quanto ao rendimento mensal per capita dos domicílios, cerca de 38% dos domicílios têm renda mensal per capita de até 1/8 do salário mínimo em 2010, o que equivale a R\$ 63,75 e cerca de 16% dos domicílios estão inclusos na categoria sem rendimento que inclui os domicílios em que a pessoal responsável recebia somente em benefícios. (Gráfico 5)

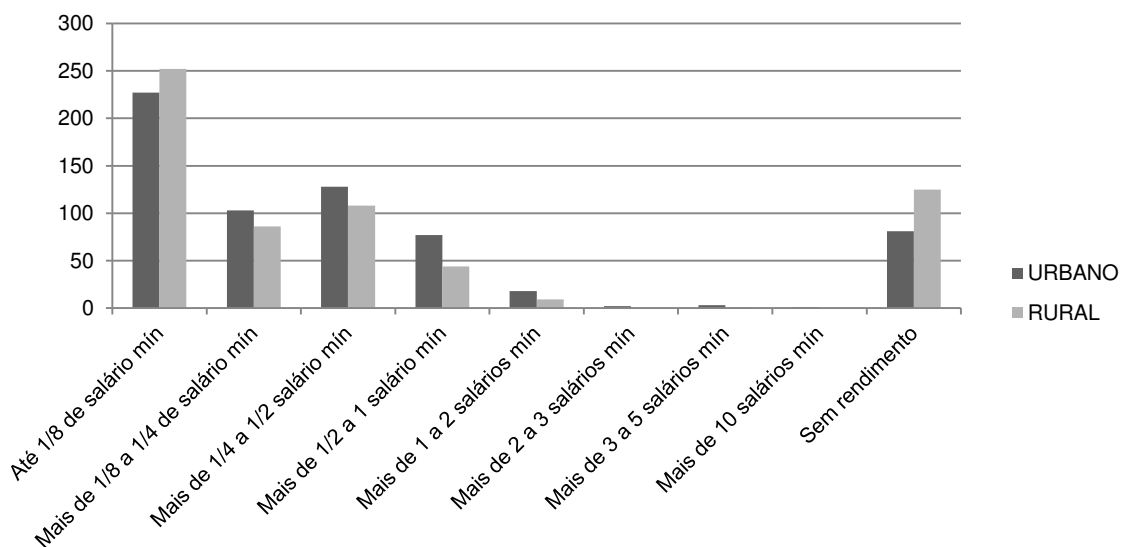


Gráfico 5: Rendimento domiciliar mensal per capita – Urbano e Rural – Belágua.
Fonte: Gráfico gerado com base nos dados do IBGE, 2010.

O Produto Interno Bruto (PIB) municipal está dividido no setor de serviços, agropecuária e indústria, respectivamente. No Maranhão e no Brasil o setor de serviços também são os principais, porém no estado o valor da indústria e da agropecuária é próximo, enquanto que no país a indústria se sobrepõe à agropecuária. (IBGE, 2010). (Gráfico 6)

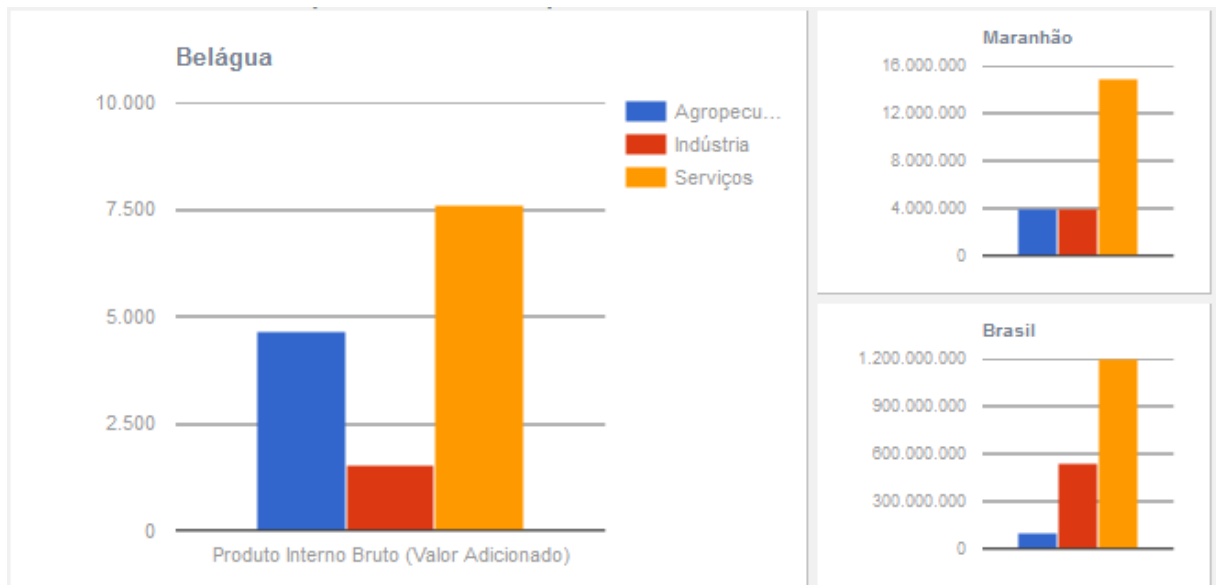


Gráfico 6: Produto Interno Bruto– Belágua, Maranhão e Brasil.
Fonte: IBGE - Cidades, 2017.

Os setores do PIB do município de Belágua, segundo o IBGE, estão divididos em Administração e Serviços Públicos, 60,27%, Serviços (exclusive Administração e Serviços públicos), 18,53%, Agropecuária, 16,33%, Indústria, 3,46% e Impostos 1,41%. (Gráfico 7)

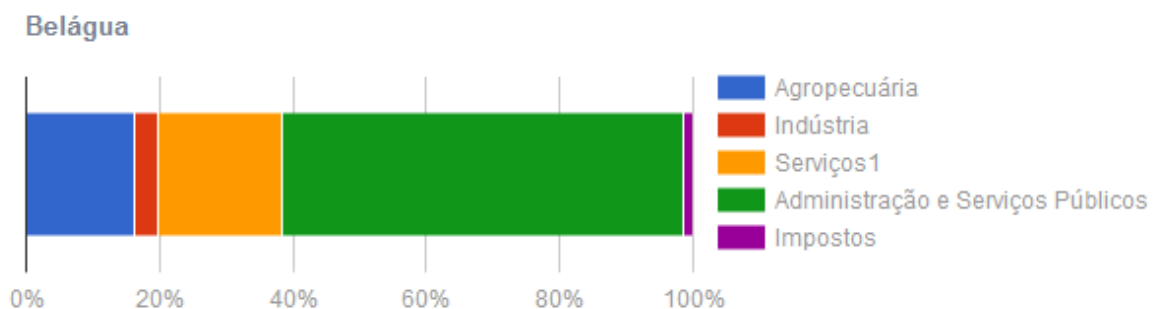


Gráfico 7: PIB por setor de Belágua – MA.
Fonte: IBGE - Cidades, 2017.

No que se refere à agropecuária, o município produz na agricultura mandioca, feijão, cana-de-açúcar, arroz e milho. A produção de frutas é de melancia, banana, laranja, coco-da-baía, castanha de caju e manga. Em relação à pecuária, a

produção é de galináceos, suínos, caprinos, bovinos e equinos. Quanto à produção de origem animal, se tem o leite, os ovos de galinha e o mel de abelha.

A esperança de vida ao nascer do município passou de 56,5 anos em 1991, para 62,0 anos em 2000, chegando a 67,4 anos, em 2010. Os números do Maranhão em 1991, 2000 e 2010 foram 58,0 anos, 63,9 anos e 70,4 anos, respectivamente. No país teve-se os valores 64,7 anos, 68,6 anos e 73,9 anos, respectivamente. (ATLAS BRASIL). (Gráfico 8)

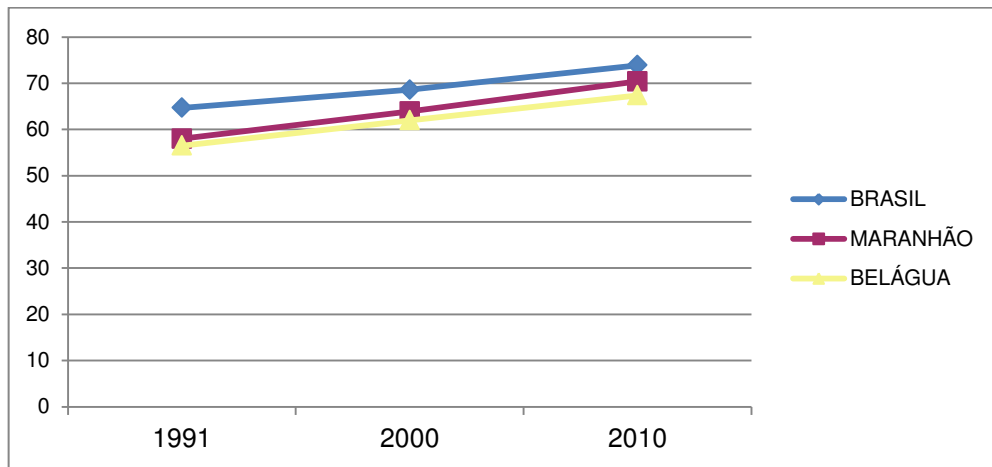


Gráfico 8: Esperança de vida ao nascer – Belágua, Maranhão e Brasil.
Fonte: Gráfico gerado com base nos dados do ATLAS BRASIL, 2010.

A mortalidade infantil no município caiu de 89,1 óbitos por mil nascidos vivos, em 1991, para 53,3 em 2000, chegando 38,4 óbitos por mil nascidos vivos em 2010. No estado a taxa caiu de 82,0, em 1991, para 46,5 em 2000, alcançando 28,0 óbitos por mil nascidos vivos em 2010. As taxas do Brasil foram de 44,7 óbitos por mil nascidos vivos, 30,6 e 16,7, respectivamente, em 1991, 2000 e 2010. (ATLAS BRASIL). (Gráfico 9)

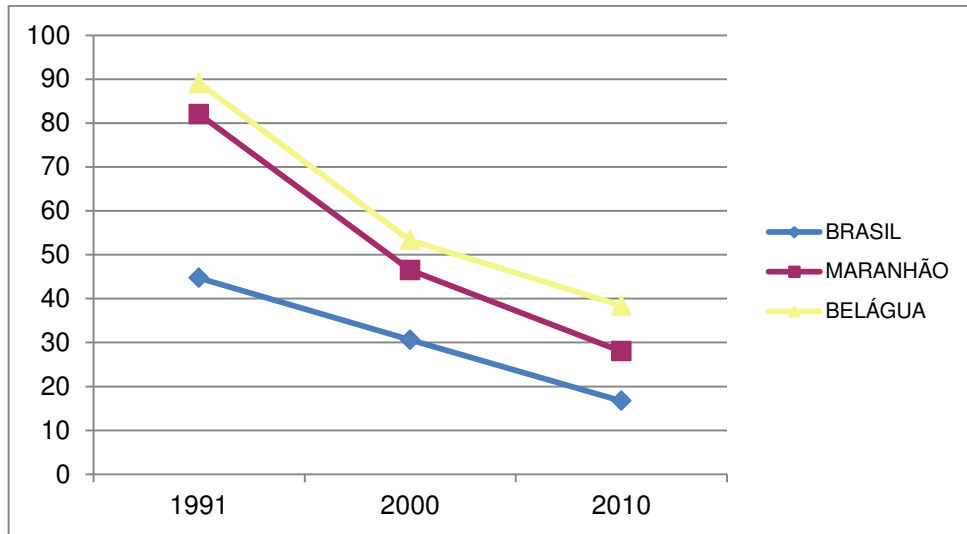


Gráfico 9: Mortalidade infantil – Belágua, Maranhão e Brasil.
Fonte: Gráfico gerado com base nos dados do ATLAS BRASIL, 2010.

No município não há Hospital Geral de gestão municipal, o que levou os nascidos vivos em parto hospitalar a nascerem em outros municípios. O município conta com três Unidades Básicas de Saúde – UBS. Em visita técnica do IMESC durante o I Mutirão Mais IDH, em 2015, constatou-se uma Unidade Mista de Saúde em funcionamento. (IMESC, 2016).

Quanto ao saneamento ambiental, no quesito esgotamento sanitário, a população urbana do município possui principalmente a fossa rudimentar, enquanto que na população da área rural tem-se a fossa rudimentar ou não se tem esgotamento sanitário. (Gráfico 10)

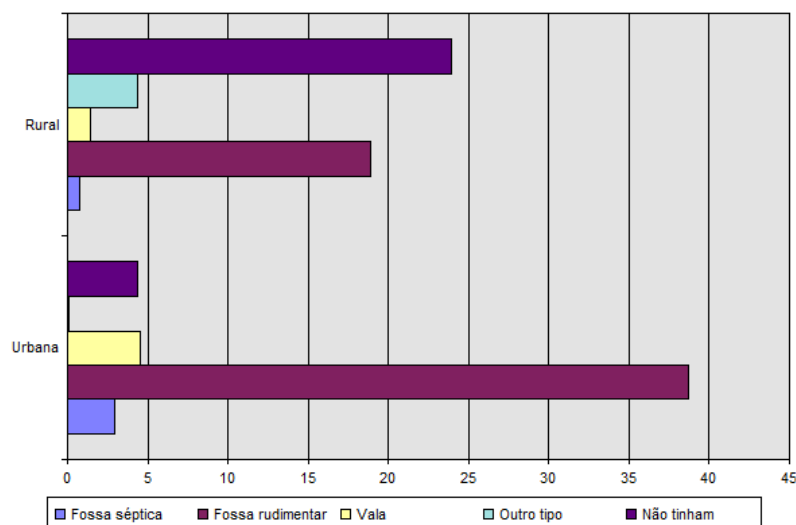


Gráfico 10: Tipo de esgotamento sanitário, em Belágua - MA.
Fonte: SIDRA/IBGE, 2010.

O abastecimento de água na zona urbana do município acontece principalmente pela rede geral, enquanto que na zona rural ele acontece por rio, açude, lago ou igarapé e por poço ou nascente dentro e fora da propriedade. (Gráfico 11)

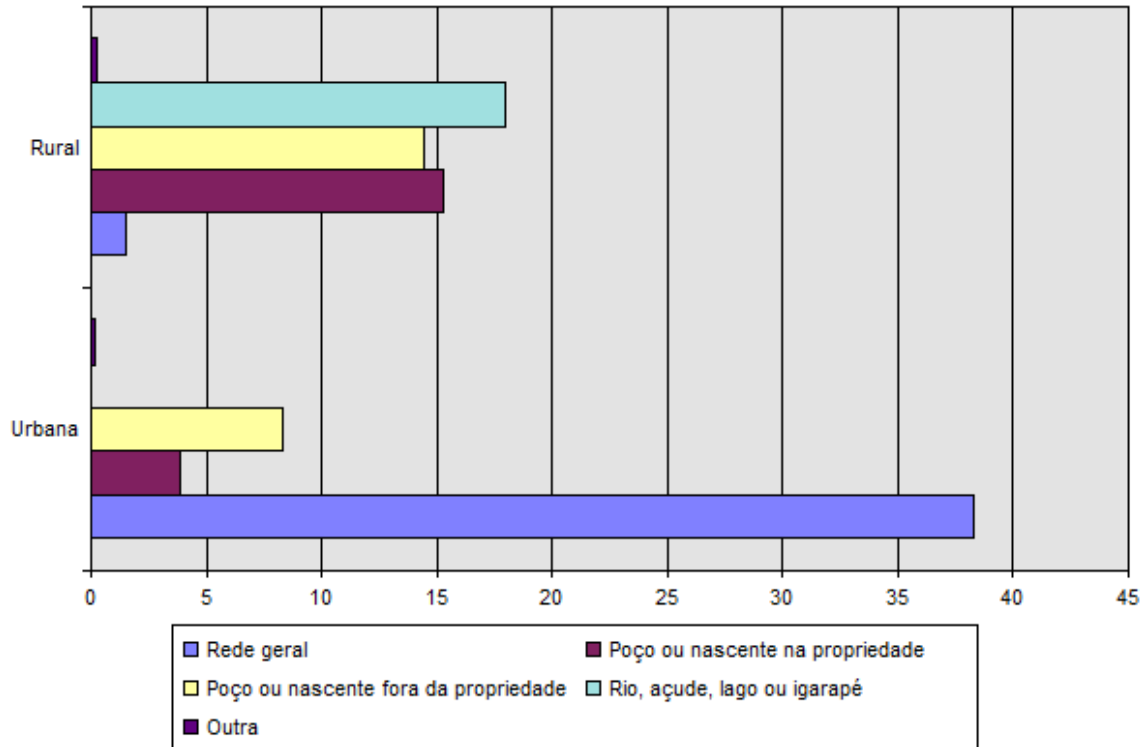


Gráfico 11: Tipo de abastecimento de água, em Belágua - MA.
Fonte: SIDRA/IBGE, 2010

O lixo na zona urbana é principalmente queimado (na propriedade), assim como na zona rural, porém, na área rural ele também é jogado consideravelmente em terreno baldio ou logradouro. (Gráfico 12)

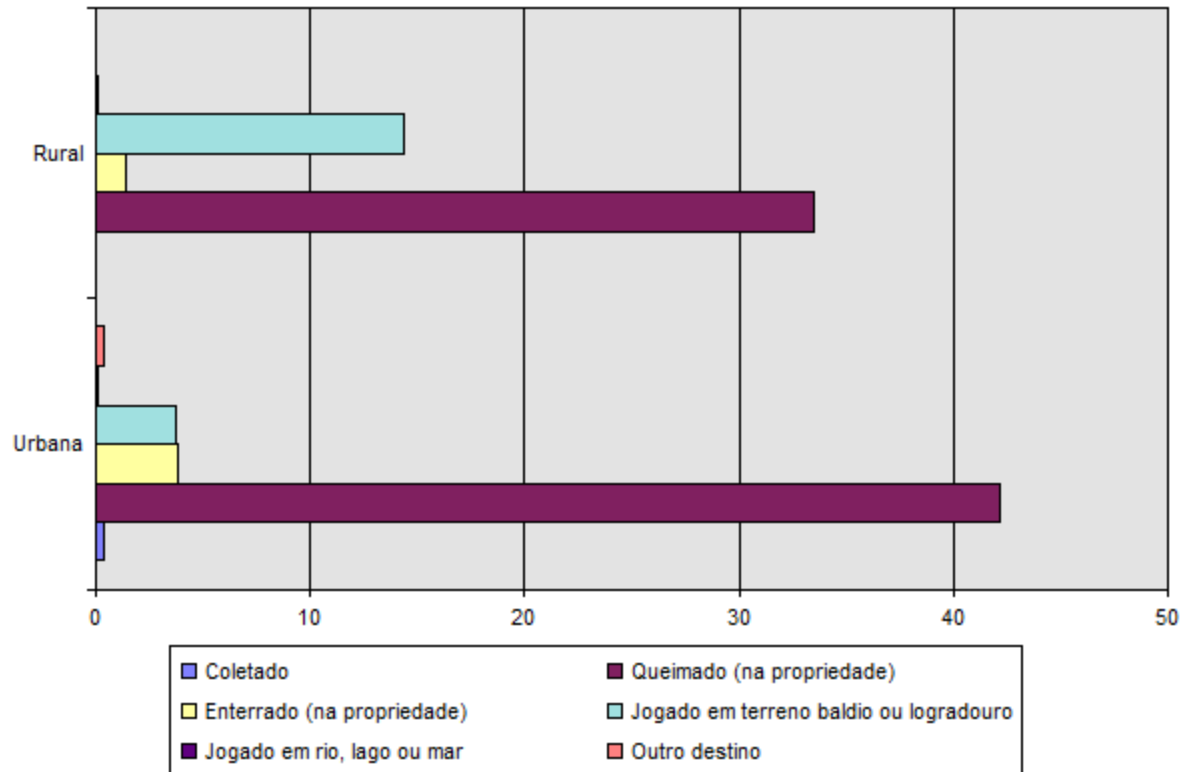


Gráfico 12: Destinação do Lixo, em Belágua -MA.
Fonte: SIDRA/IBGE, 2010.

São perceptíveis as diferenças encontradas entre as áreas urbanas e rurais do município de Belágua e as mesmas áreas do Maranhão e do Brasil, onde nota-se que o município possui carências que permanecem desassistidas, gerando uma população sem os mesmos direitos que a dos outros municípios do estado e do país, com isso acarretando em uma realidade urbana e rural de muita desigualdade.

7 PESQUISA DE CAMPO E SISTEMATIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Com o objetivo de compreender os atuais modos de vida, moradia e trabalho no espaço rural, se fará uso das experiências observadas nas visitas de campo ao povoado de Pequizeiro, em Belágua, no Maranhão. Com a visita realizada foi possível constatar características iniciais relacionadas à organização social, as condições de moradia e as relações sociais desta população.

A pesquisa consistiu em entrevistas semiestruturadas, onde se observou questões relacionadas às formas de trabalho e atividades produtivas, como acontecem as relações sociais e as formas de morar. Realizou-se também levantamentos físicos das habitações, assim como da implantação dos anexos em torno da casa, estes em nível de croqui, com objetivo de entender as relações entre moradia, vida e produção, assim como foram feitos levantamentos iconográficos das moradias e dos lotes. Utilizou-se de uma amostragem de 11 famílias que residem no local.

Com base nos dados obtidos e com o objetivo de sistematiza-los, foi elaborado um modelo de ficha que pontua características gerais sobre as famílias observadas. Estão presentes nos Anexos I e II o modelo de entrevista aplicada, bem como a ficha elaborada, onde é possível acompanhar os aspectos abordados nas visitas.

7.1 O Povoado de Pequizeiro

O Povoado de Pequizeiro está localizado no município de Belágua, no Maranhão, a cerca de 7 km da sede urbana do município. Segundo informações colhidas em entrevistas com os moradores do Povoado, o surgimento de Pequizeiro foi por volta de 1930 quando uma família de Buritizinho, localidade a 6 km do Povoado de Pequizeiro, se deslocou para o lugar com objetivo de fazer roça. Eles construíram cinco casas, sendo todas de parentes, e a partir de então o povoado foi crescendo, sendo a maioria dos habitantes ligados por graus de parentesco. Porém, alguns dos moradores atuais do povoado vieram de outros povoados vizinhos, e a até de povoados em outros municípios. O nome do Povoado se deu devido a um grande pequizeiro que existia no local. Tratam-se de terras devolutas (do Estado) e que estão sob o gerenciamento da Associação de Moradores da região e, em espera da emissão de posse pelo INCRA.

PEQUIZEIRO



Figura 15: Mapa do Povoado de Pequizeiro.
Fonte: LATESE, 2017.

Segundo dados do Censo Demográfico do IBGE de 2010, a localidade tem um total de 705 pessoas, sendo 54,32% homens e 45,68% mulheres, divididos num total de 113 domicílios. No ano de 2016 em visita de pesquisadores do LATESE (Laboratório de Análise Territorial e Estudos Sócio-Econômicos) ao Povoado, foi realizado um mapeamento de Pequizeiro com o auxílio de um Veículo Aéreo Não Tripulado – VANT (popularmente chamado de Drone), que permitiu uma visão maior sobre a área completa da região e que possibilitou o reconhecimento de um total de 221 domicílios, o que relacionado à quantidade de famílias no povoado, descrito em entrevistas como 230, demonstra a coabitação de famílias em alguns domicílios.

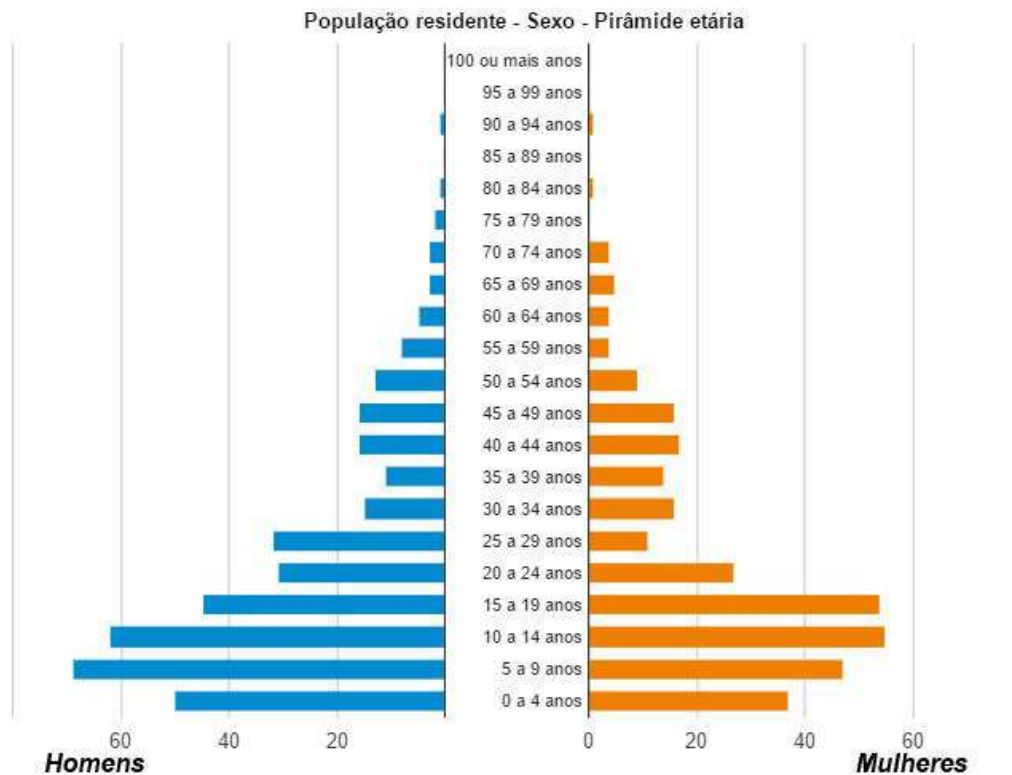


Gráfico 13: Pirâmide etária da população residente em Pequiizeiro, por sexo.
Fonte: SIDRA/IBGE, 2010.

A população alfabetizada do Povoado é a cerca de 50,49% o que demonstra que praticamente metade de sua população é analfabeta. O povoado conta com duas escolas públicas, uma de ensino fundamental e outra de ensino médio. O posto de saúde da localidade encontra-se abandonado, quando precisam de um médico é necessário que a população se desloque para a sede ou outros municípios. Quanto à renda da população, cerca de 50% de sua população está encaixada na categoria sem rendimentos, que inclui as pessoas que recebem apenas em benefícios e 59% dos domicílios tem rendimento domiciliar per capita de até R\$ 70,00. Tais características são baseadas nos dados do Censo Demográfico do IBGE de 2010, tem-se então a demonstração das carências que esta população enfrenta.



Figura 16: Posto de saúde em estado de abandono, em Pequizeiro.
Fonte: LATESE, 2016.

A produção predominante no Povoado, segundo entrevistas com moradores, é de mandioca, feijão, milho e arroz, produção esta que serve para o consumo e para a comercialização, onde a farinha de mandioca é o principal produto produzido, sendo comercializado não só em Belágua, mas em outros lugares, em São Luís, por exemplo. No local são comuns frutas como murici, mirim, bacuri, banana, mamão e caju. Há também a criação de animais como porcos, galinhas, cachorros, cavalos e jumentos.

No que se refere ao saneamento, o tipo predominante de esgotamento sanitário é a fossa rudimentar (conhecida como sentina), ela está presente em 63,7% dos domicílios. O lixo é predominantemente queimado, sendo uma realidade em cerca de 83% dos domicílios. O abastecimento de água é 46,9% feito por poço ou nascente na propriedade, sendo os 53,1% restantes divididos em abastecimento por poço ou nascente fora da propriedade, ou carro-pipa, ou água da chuva, ou rio, açude, lago ou igarapé, ou por outras formas de abastecimento. Quanto a energia elétrica apenas cerca de 2,6% dos domicílios não a possui. Todos os dados são baseados no Censo Demográfico de 2010.

Quanto às atividades religiosas na localidade são comuns os festejos religiosos, principalmente na época dos festejos juninos, porém existem na região tanto católicos como protestantes. As atividades de lazer mais comuns da população são o futebol, que é disputado por homens e mulheres, os rios e lagoas e a televisão.



Figura 17: Jogo de futebol masculino em tarde no Povoado.
Fonte: LATESE, 2017.

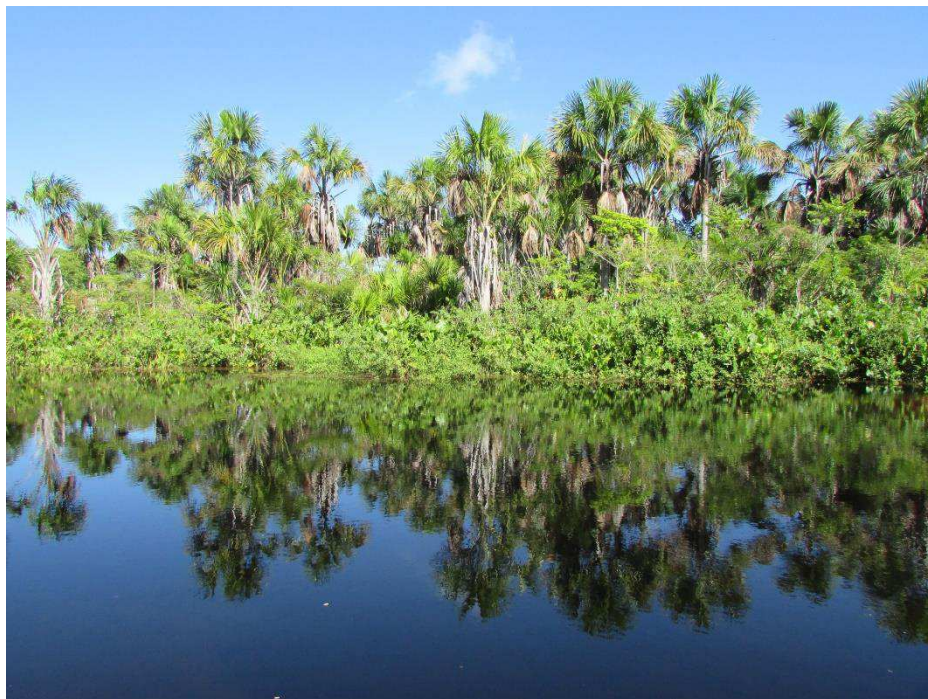


Figura 18: Rio e vegetação característica da região.
Fonte: LATESE, 2017.

É comum, devido à carência de serviços no Povoado, o deslocamento dos moradores para outras regiões, como a sede do município de Belágua e o município de Urbano Santos, a população vai em busca de hospitais, bancos e comércios,

sendo necessários gastos com transporte, que é feito por automóveis e motocicletas destinados a este fim. Outro tipo de deslocamento que acontece, é para povoados vizinhos, onde moram alguns familiares dos moradores e onde se fazem alguns roçados.

7.1.1 *O Espaço da Moradia em Pequizeiro*

O espaço da moradia é aqui compreendido como a casa e o lote em que está inserida, Arruda (2007) comentou sobre isso, no espaço rural não é possível compreender um dissociado do outro, eles estão intimamente ligados, as relações que permeiam as famílias acontecem em ambos, tendo cada um a função que lhe cabe e gerando um espaço de vida e trabalho.

Ao se tratar do lote em que as casas visitadas se encontram, é percebida a presença de inúmeros elementos que compõem um espaço de produção, trabalho e convivência, como foi retratado por Arruda (2007), o lote da casa rural abriga: animais, plantações, depósitos, banheiros, etc., e esta é uma realidade percebida nas visitas a Pequizeiro. As práticas desempenhadas no lote e as funções destes usos serão discutidas a seguir.

Primeiramente, no que diz respeito aos banheiros, como vistos nos dados socioeconômicos do Povoado, é característico o uso de fossas rudimentares, então conhecidas como sentinas, para elas é destinado um anexo, geralmente de taipa de mão, neste local é onde são feitas as necessidades. Quanto aos banhos é destinado outro anexo, geralmente as casas de banho são feitas de palhas. Os moradores não tem água encanada dentro das casas ou existe o abastecimento de água por torneiras nos quintais ou por poços manuais, onde a água é coletada em vasilhas e bacias e colocada nas casas de banhos e jiraus para o uso necessário.



Figura 19: Casa de banho locada no lote.
Fonte: LATESE, 2016.



Figura 20: Sentina disposta ao fundo do lote.
Fonte: LATESE, 2016.



Figura 21: Poço manual, com estrutura de madeira coberta de palha.
Fonte: LATESE, 2017.



Figura 22: Torneiras externas à casa, com bacias para armazenamento de água.
Fonte: LATESE, 2017.

O jirau é outro elemento muito comum nos lotes de Pequizeiro, ele é um espaço para lavagem e secagem de louças, é feito de tábuas e toras de madeira, está algumas vezes ligado a casa pela cozinha e pela meia-água (um espaço nomeado pelos moradores para uma extensão da casa que serve para serviços e armazenagem), tendo por vezes uma abertura que permite uma ligação interna da casa com o jirau no lado externo, onde se percebe uma cobertura, algumas vezes de palha, que serve para a proteção do sol nos momentos de lavagem das louças, mas ele também pode ser encontrado disperso no lote, locados de forma estratégica em locais à sombra e ao sol, tendo a mesma função, ou servindo também em alguns

casos para a lavagem de roupas (que no Povoado são consideravelmente lavadas no rio).



Figura 23: Jirau externo, mas anexo ao corpo da casa, aproveitando a cobertura de palha para proteção.
Fonte: LATESE, 2016.



Figura 24: Jirau locado no lote.
Fonte: LATESE, 2017.

Quanto aos animais criados nos lotes no Povoado, se tem a presença de cachorros, jumentos, galinhas e porcos. Em alguns casos as famílias criam animais em povoados próximos de Pequiheiro. No que dizem respeito às galinhas, elas geralmente são criadas soltas no lote, não havendo um local específico (galinheiro) destinado a elas, elas ciscam em todo o terreno e ainda aproveitam os restos de alimentos que são lançados fora. Já os porcos têm os chiqueiros determinados para eles, que se somam aos anexos presentes no lote.



Figura 25: Galinha criada solta e ciscando no terreno.
Fonte: LATESE, 2017

Outro anexo encontrado nos lotes em Pequizeiro são depósitos, feitos com troncos ou hastes de madeira, com cobertura de palha e que servem como local para guardar apetrechos relacionados ou não com a manutenção da família e da casa, abrigando materiais, tralhas ou até mesmo as colheitas da roça.



Figura 26: Depósito disposto no lote, com cobertura de palha.
Fonte: LATESE, 2017.

Em referência à produção de alimentos que as famílias geram em seus lotes, se tem plantações de árvores frutíferas, que auxiliam na alimentação da casa, além de proporcionarem sombras no terreno, o que favorece para uma agradável sensação térmica, além disso, há o cultivo de hortaliças em pequenos canteiros elevados, a forma elevada é para proteção contra animais criados soltos no lote. O trabalho do roçado é a principal atividade produtiva dos moradores visitados, só que eles geralmente não o realizam em seus próprios lotes e sim em outros espaços, no Povoado e fora dele, destinados a este fim, sendo os produtos a base do consumo das famílias e em poucos casos, comercializados para pessoas de fora.



Figura 27: Vegetação presente em um dos lotes estudados.
Fonte: LATESE, 2017.



Figura 28: Cultivo de hortaliças em canteiros elevados.
Fonte: LATESE, 2017.

Um aspecto importante observado nas visitas, é que o lote é também um local de reuniões, como citado por Pinheiro (2008). Em Pequizeiro as pessoas se sentem confortáveis para pagarem cadeiras, coloca-las ao lado da casa sob uma sombra, se sentarem e conversar, o que indica que não é só dentro da casa que podem acontecer reuniões e encontros, até mesmo porque as casas são metricamente menores que os lotes não comportando todos em dias de casa cheia, já o terreno possui espaço, é local de lazer, de trabalho conjunto, de ações cotidianas que identificam e caracterizam seus usuários, beneficiando cada um à sua maneira.

Falando agora da casa, o espaço segundo Costa e Mesquita (1978) materializado como o abrigo para as famílias, foi possível perceber dentre as casas visitadas no Povoado que boa parte das construções foi feita a partir da autoconstrução, onde os próprios moradores com ajuda de familiares, vizinhos e amigos construíram suas casas, com o conhecimento da técnica que é passado de geração para geração, carregada de saberes locais e tradicionais que permitem o construir de um espaço para se viver. Considerando a predominância de casas de adobe e taipa de mão na localidade, o material para construção foi retirado do ambiente natural, sendo muitas vezes o barro coletado no próprio terreno, local definido pelos moradores como barreiro, a palha e a madeira são retiradas na beira do rio, quando o madeiramento e telhas cerâmicas não são comprados. Porém, existem casos em que as casas já foram compradas prontas.

Quanto aos sistemas construtivos predominantes das habitações analisadas em Pequizeiro, percebe-se a utilização das construções em terra, especificamente com paredes em taipa de mão e em adobe, as partes internas das paredes são

geralmente não revestidas e algumas casas têm a parte externa revestida. Como característica deste tipo de construção, foi percebida nas visitas que a sensação térmica destas casas é consideravelmente melhor do que em casas de alvenaria de tijolo cerâmico, uma particularidade da arquitetura de terra vista por Weimer (2005). Porém, é importante salientar que a técnica que os moradores detêm, é utilizada por eles como forma de sobrevivência, e que, muitas vezes apresentam falhas na estrutura, que também podem ser percebidas nas proporções verticais e horizontais da casa, sendo então necessário um aperfeiçoamento que inclua saberes locais trabalhados juntamente com saberes técnicos. No que diz respeito às coberturas, o material predominante é a palha, que é um material que precisa de constante manutenção, mas que se empregado corretamente pode durar por mais tempo, e também a telha cerâmica. A estrutura de suporte das coberturas é em madeira, tanto com ripas e caibros adquiridos no mercado, como com toras de madeira adquiridas na vegetação da região.



Figura 29: Casa de adobe, com fachada frontal revestida e cobertura com telha cerâmica.
Fonte: LATESE, 2016.



Figura 30: Casa de taipa de mão e cobertura de palha.
Fonte: LATESE, 2016.

Quanto às esquadrias encontradas nas habitações do Povoado, o predomínio dos tipos de portas e janelas é a madeira, porém ela é encontrada tanto da forma comercializada pelo mercado, quanto como ripas de madeira, que indicam serem criadas pelos próprios moradores, é muito comum também o uso de cortinas no lugar de portas e janelas. A sala e os quartos são os ambientes mais dotados de esquadrias que permitem a ventilação e iluminação natural. Relacionados ao tipo de piso predominante nas habitações estudadas, encontra-se principalmente o chão em terra batida.



Figura 31: Casa de adobe não revestido, com cobertura de telha cerâmica e esquadrias feitas de ripas de madeira.
Fonte: LATESE, 2016.



Figura 32: Cortina em abertura interna da casa.
Fonte: LATESE, 2016.

No que se refere à zonificação dos ambientes das casas, é notado o ambiente da frente com a presença da sala, que é o local de acesso das moradias, destinado ao estar das famílias e à recepção das visitas, que acontece também em um lugar à sombra do lado externo das habitações, que é seguida pelos quartos, ambiente íntimo das famílias, e por último, na parte posterior das casas, se tem a cozinha, que em alguns casos é intermediada por uma copa. A cozinha é um local de trabalho, pois é onde são preparados os alimentos e são lavadas as louças com o auxílio dos

jiraus. Há também em determinadas casas, logo após a cozinha, a ocorrência da meia-água, local que se percebe a presença do fogão a lenha (usado geralmente no preparo dos alimentos que demoram mais para ficar prontos, considerando que a lenha é mais fácil de ser adquirida, do que o gás, quem tem o custo mais elevado), do jirau e que também serve como depósito.

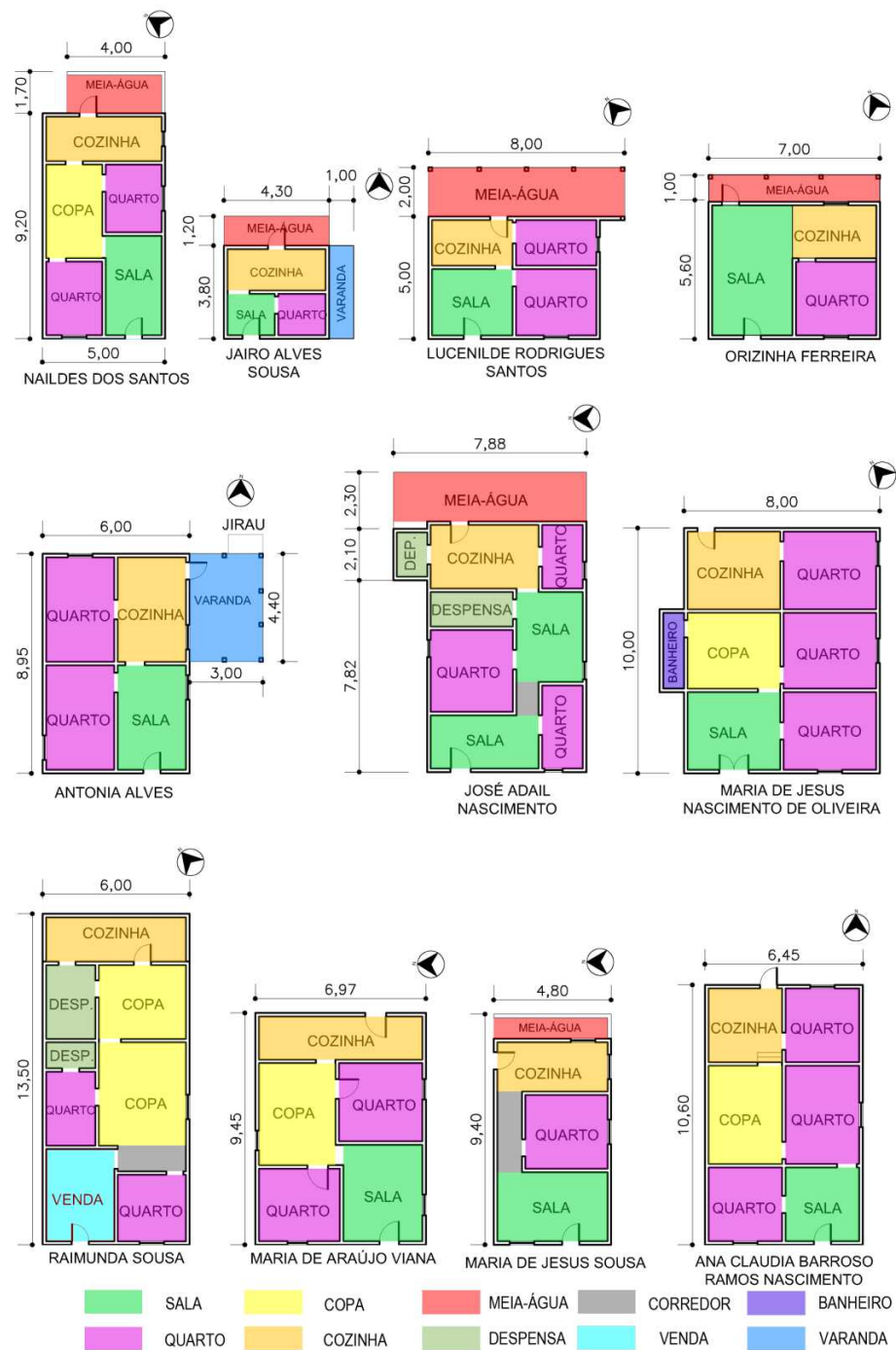


Figura 33: Zonificação dos ambientes das amostras de casas estudadas. Fonte: LATESE, 2017.

Segundo dados do Censo Demográfico de 2010, no que se refere à quantidade de moradores por domicílio, têm-se os principais percentuais em domicílios com 10 e 4 moradores, o que demonstra grande densidade de moradores por dormitório, no caso de 10 moradores, em casas que tem geralmente entre 2 e 3 quartos. Algo comum, percebido nas visitas, é a casa, local onde os pais moram, recebendo visitas de filhos e netos em épocas específicas, deixando a casa cheia, e a casa se tornando pequena na hora de abrigar todos para dormir, mas que, à maneira deles, consegue haver uma organização.

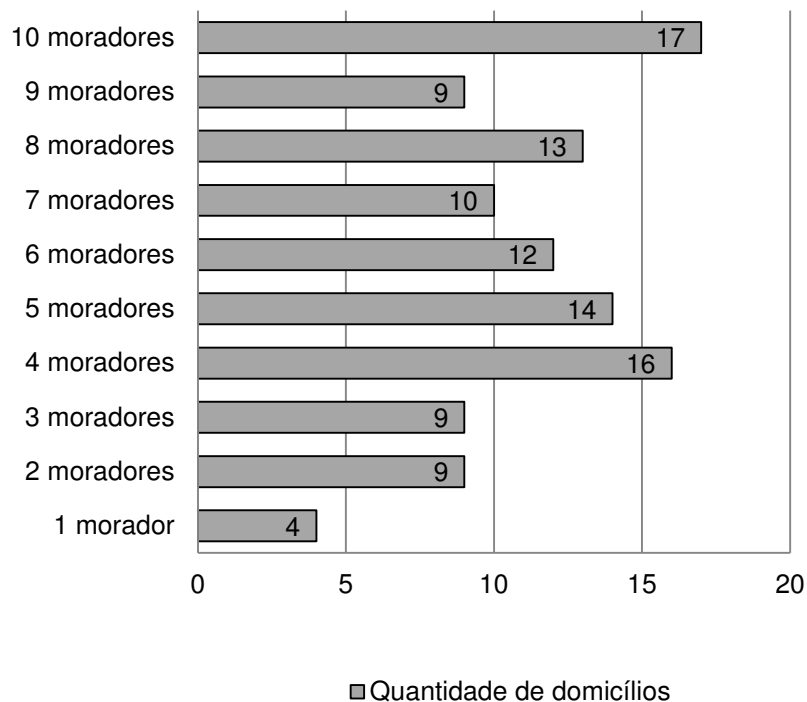


Gráfico 14: Quantidade de domicílios - Quantidade de moradores, em Pequizeiro.
Fonte: Gráfico gerado com base nos dados do IBGE, 2010.

O mobiliário das casas é simples, na sala se encontra algumas cadeiras, muitas vezes de plástico, uma vez ou outra se tem a presença de sofás, também existem pequenos móveis que suportam a televisão, que geralmente são acompanhadas de antenas parabólicas no lado externo. Na sala são notados também quadros com fotografias da família nas paredes e que trazem uma decoração particular para o local. Nos quartos se encontram principalmente camas, redes e guarda-roupas. Na copa e na cozinha se percebe a presença de mesa e cadeiras, algumas vezes de pequenos armários, do filtro de barro, das panelas colocadas na parede que demonstram o cuidado que as mulheres têm de mantê-las areadas e organizadas, e em alguns casos se tem o fogão a gás, mas é

predominante a existência do fogão de barro a lenha. São observados na casa móveis industrializados, assim como os que os próprios moradores fabricam.



Figura 34: Sala com mobiliário simples, chão em terra batida e tecido no local da esquadria.
Fonte: LATESE, 2016.



Figura 35: Sofá junto ao mobiliário da sala, além de quadros na parede, que garantem a decoração no local.
Fonte: LATESE, 2016.



Figura 36: Diversas redes em um quarto.
Fonte: LATESE, 2016.



Figura 37: Camas e roupas penduradas em varal no quarto.
Fonte: LATESE, 2016.



Figura 38: Mesa, filtro de barro e fogão a lenha.

Fonte: LATESE, 2016.



Figura 39: Mesa, geladeira, prateleiras e fogão a gás.

Fonte: LATESE, 2016.



Figura 40: Mesa, armário, fogão a gás e vassoura de palha.

Fonte: LATESE, 2016.



Figura 41: Panelas dispostas na parede e mesa fabricada pelo próprio morador.

Fonte: LATESE, 2016.

Observa-se então, após a identificação deste misto de lote e casa – ambientes de abrigo e trabalho, locais de consumo e produção, de viver e conviver – que o espaço destinado para que as pessoas de Pequizeiro morem, traz consigo significados típicos, que demonstram de fato como é caracterizado o espaço rural, uma realidade distinta da urbana, mas que jamais poderá ser menosprezada, pois

cada família apresenta uma forma de apropriação particular e são portadoras de uma identidade local.

Com o fim de apresentar uma descrição detalhada do espaço da moradia no Povoado, serão exemplificadas as habitações e relações de duas famílias, uma que possui uma casa de taipa de mão, e outra com uma casa em adobe, a escolha se deu pela quantidade de materiais sobre cada uma, buscando abranger sobre as duas técnicas de construção em terra predominantes na região, a ideia é ter uma visão e análise do todo apresentado por este espaço.

7.1.1.1 Moradia em Adobe

O espaço da moradia aqui abordado será a casa em adobe e o lote de Dona Naidles, ela vive com o marido e um filho. A família veio de Icatu e está no Povoado a cerca de 13 anos. Houve um incêndio na primeira casa da família, porém eles receberam todo o apoio das pessoas do Povoado. Dona Naidles fala:

“Quem chegava com uma rede, chegava. Quem chegava com uma roupa, chegava. Quem chegava com um calçado, chegava. Quem chegava com um paninho pra enrolar menino, chegava. Graças a Deus, mesmo com essa situação, meus filhos nunca precisaram dormir no chão, porque aqui nós se ajuda. Aqui em Pequizeiro nós sempre fomo muito bem apoiados.”

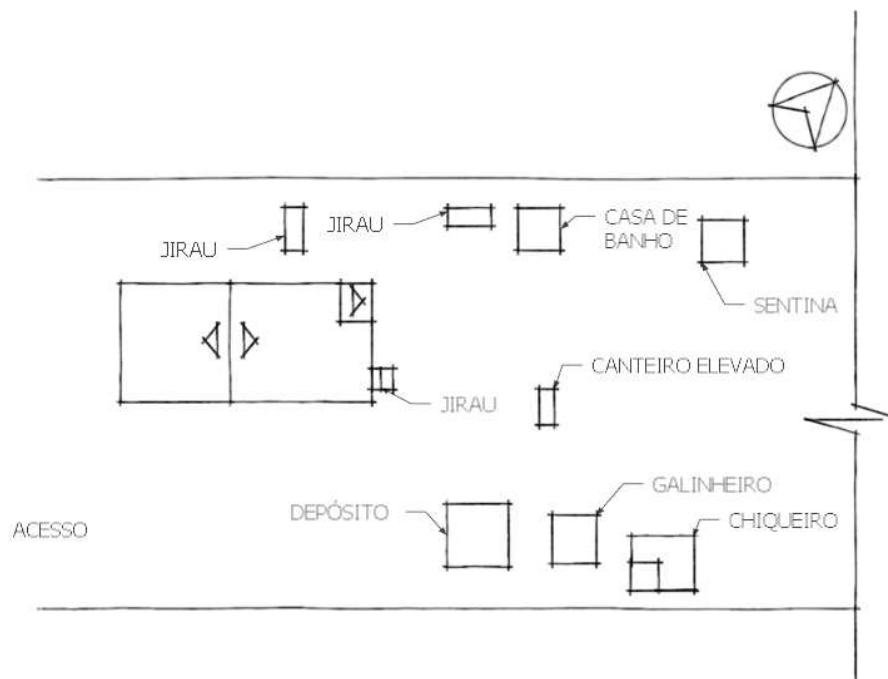


Figura 42: Croqui esquemático da disposição dos anexos no lote de Dona Naidles.
Fonte: LATESE, 2017.

Depois do ocorrido a casa foi substituída pela atual casa de adobe, tanto o adobe, quanto o madeiramento de pindaíba e as telhas cerâmicas para a construção da casa foram comprados, o casal pagou pela construção, pois não tinham condições físicas para construir.



Figura 43: Casa da Dona Naidles, construção em adobe e coberta com telhas cerâmicas.
Fonte: LATESE, 2017.



Figura 44: Planta baixa da Casa de D. Naidles.
Fonte: LATESE, 2017.

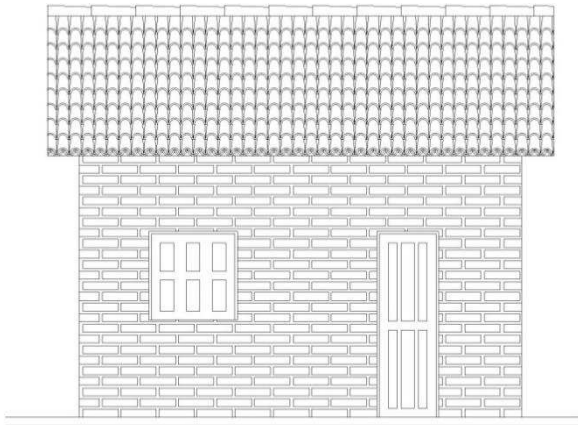


Figura 45: Fachada frontal da casa em adobe de D. Naidles.
Fonte: LATESE, 2017.

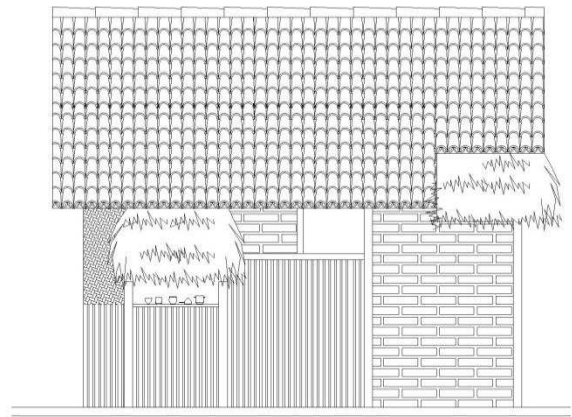


Figura 46: Fachada posterior da casa em adobe de D. Naidles.
Fonte: LATESE, 2017.



Figura 47: Fachada lateral direita da casa em adobe de D. Naidles.
Fonte: LATESE, 2017.

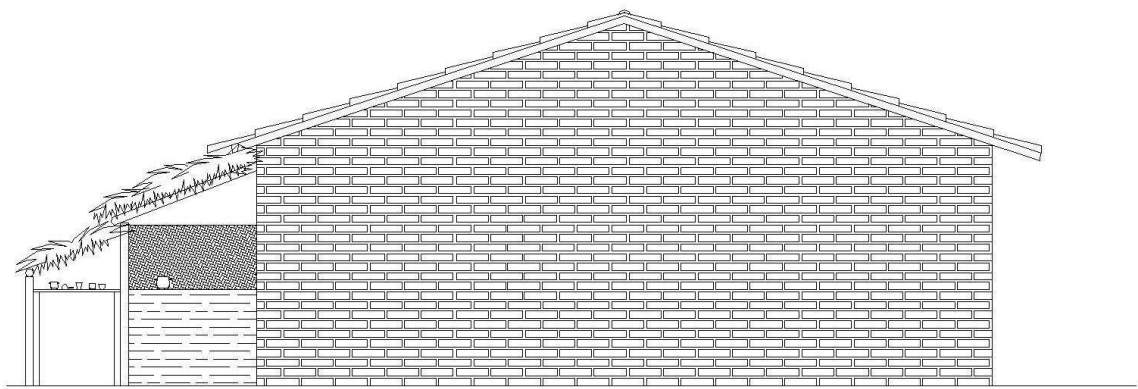


Figura 48: Fachada lateral esquerda da casa em adobe de D. Naidles.
Fonte: LATESE, 2017.

A casa tem proporções adequadas para o tamanho da família, conta com uma sala (9,21 m²), dois quartos (6,82 e 6,25 m²), uma copa (8,64 m²), uma cozinha (8,46

m²) e a meia-água (7,28 m²). Na sala encontram-se cadeiras de plástico e de madeira, uma pequena mesa com a televisão, nota-se também a disposição de quadros com fotografias da família na parede. Na copa está a geladeira e é percebido que não há uma abertura para o lado externo, sendo um local sem iluminação e ventilação natural. Na cozinha tem-se uma mesa com cadeiras, fogão a gás, um armário e as panelas penduradas na parede, na meia-água se tem o fogão de barro e alguns apetrechos, observa-se também uma abertura de ligação entre a meia-água e lado externo que conta com o jirau coberto de palha. Os quartos contam com cama, rede e um guarda-roupa. As aberturas de portas internas são cobertas com cortinas feitas de tecido e as esquadrias externas são de madeira. A casa possui energia elétrica, o chão dela é em terra batida e ela apresenta uma agradável sensação térmica devido ao tipo de construção.



Figura 49: Sala onde os netos de Dona Naidés assistem a TV que está apoiada em pequena mesa de madeira. Notam-se os quadros pendurados na parede. Fonte: LATESE, 2017.



Figura 50: Quarto com rede e alguns materiais armazenados. Fonte: LATESE, 2017.



Figura 51: Copa com geladeira. Cortina de tecido em frente à abertura do quarto. Nota-se também o chão em terra batida. Fonte: LATESE, 2017.



Figura 52: Cozinha com mesa de madeira, fogão a gás e armário. Nota-se o cuidado da organização das panelas na parede. Fonte: LATESE, 2017.



Figura 53: Meia-água que abriga o fogão a lenha, alguns utensílios e que tem ligação com o jirau. Fonte: LATESE, 2017.



Figura 54: Jirau externo ligado à meia-água e coberto de palha. Fonte: LATESE, 2017.



Figura 55: Fogão a lenha. Fonte: LATESE, 2017.

No que se refere à produção da família, no terreno há várias árvores, além do cultivo de hortaliças. O filho do casal faz uma pequena roça de mandioca fora do terreno, dentro de Pequizeiro. A família cria galinhas e porcos.

Quanto aos anexos encontrados no terreno, percebe-se a casa de banho que é feita de palha e que possui dentro tabuas de madeira para lavagem de roupas, a sentina, feita de taipa de mão e coberta com telhas cerâmicas, um canteiro elevado com hortaliças, observa-se um jirau locado no lote, além do jirau coberto junto a casa, local de lavagem e secagem de louças, há também um chiqueiro onde são criados os porcos, um galinheiro, onde as galinhas se abrigam a noite já que durante o dia são criadas soltas no terreno, e um depósito onde armazenam carvão e outros produtos.



Figura 56: Casa de banho de palha e um jirau ao lado.

Fonte: LATESE, 2017.



Figura 57: Sentina ao fundo feita de taipa de mão e coberta com telha cerâmica.

Fonte: LATESE, 2017.



Figura 58: Canteiro elevado com cultivo de hortaliças no lote de Dona Naildes.

Fonte: LATESE, 2017.



Figura 59: Outro jirau presente no lote de Dona Naildes.

Fonte: LATESE, 2017.

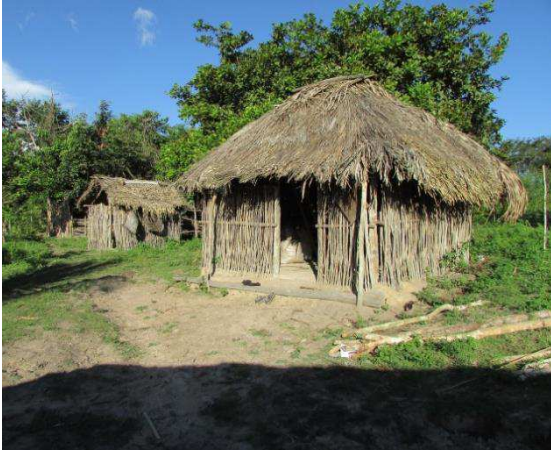


Figura 60: Depósito à frente e galinheiro ao fundo.
Fonte: LATESE, 2017.



Figura 61: Chiqueiro.
Fonte: LATESE, 2017.

A família descreveu a televisão e o jogo de futebol do filho como suas atividades de lazer, eles também recebem visitas de vizinhos e parentes com quem se reúnem para conversar e confraternizar. Em determinada época a casa chega a comportar mais de dez pessoas, com a visita de filhos e netos, dentro de casa e principalmente fora dela é onde acontecem as reuniões.

Um fator primordial percebido neste espaço descrito, além das características em relação à casa e ao lote que caracterizam esta família, são as relações de sociabilidade, demonstradas conforme Candido (2010), já que na necessidade da família por ajuda, a comunidade se prontificou a ampara-los, gerando um sentimento para a família de gratidão e relações de proximidade.

7.1.1.2 Moradia em Taipa de Mão

O espaço da moradia aqui abordado será a casa em taipa de mão e o lote de Dona Orizinha, ela vive com o marido e seis filhos. A família é oriunda de um povoado vizinho e está no Povoado a cerca de 5 anos. A família se desloca para a sede do município de Belágua e para o município de Urbano Santos quando precisam de um banco, ou do comércio com produtos não encontrados em Pequizeiro e também quando precisam de serviços de saúde. Outro deslocamento comum é para povoados vizinhos, para fazer a roça e visitar parentes.

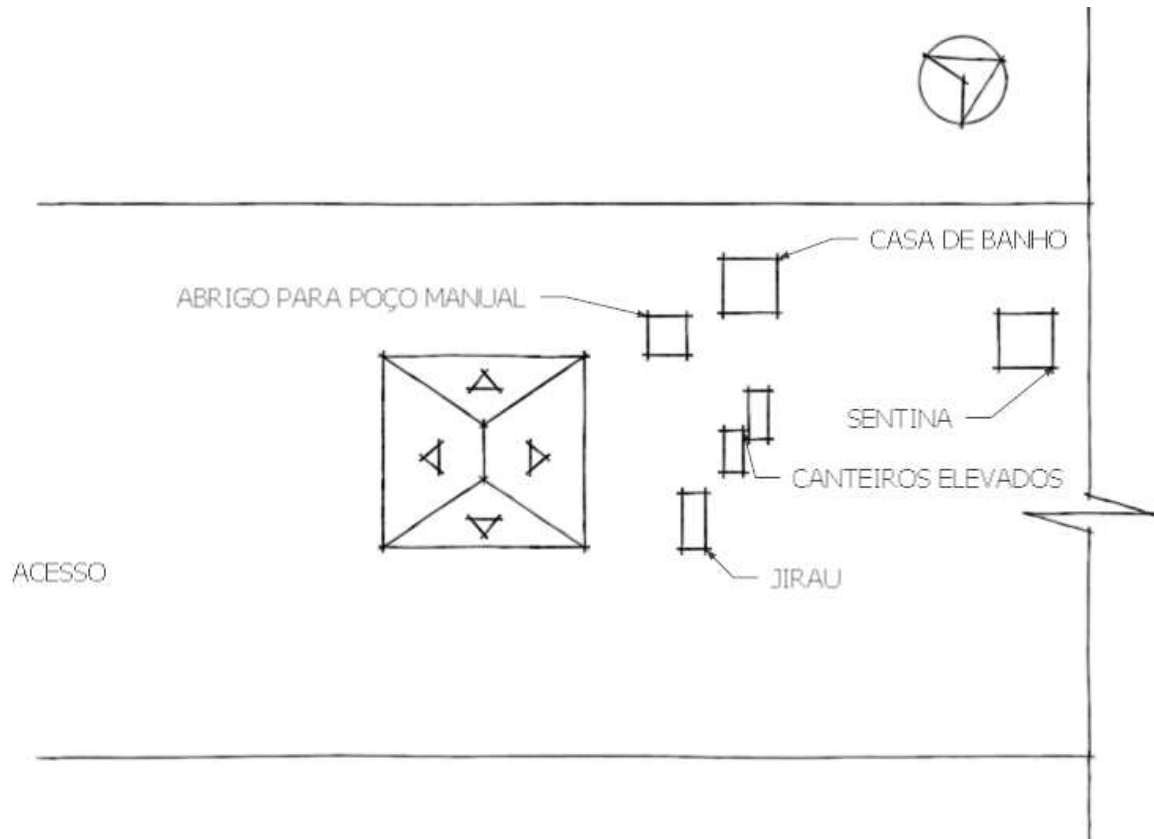


Figura 62: Croqui esquemático da disposição dos anexos no lote de Dona Orizinha.
Fonte: LATESE, 2017

A casa da família foi construída pelo marido com a ajuda de seus filhos. Dona Orizinha fala:

“Meus filhos e meu marido que fizeram nossa casa. Com um mês, tava pronta. Nós butava de 3, de 4, de 2, uns amassando, outros tapando, outros envarando, outros esteando, aí foi rápido. Aí no verão, foi rápido pro barro secar, ficou pronto logo.”

Ela conta também que ela mesma já construiu uma de casa de taipa de mão sozinha, pois não podia deixar seus filhos sem abrigo, retrata que em sua criação ela teve que aprender a se virar:

“Eu fiz foi uma casa de taipa, eu sozinha. Eu criei meus filhos tudo pequenininho nesse tempo, e eu trabalhava era de noite, carregando pau aqui nesse ombro vei, enfiando, tirando feixe de vara, quando eu chegava 12 hora, eu vinha caindo de fome, de tanto tirar pau dentro dos mato, eu sozinha e meus filho tudo pequeno, tinha que fazer uma casa pra eles não ficarem debaixo dos pau. Nesse tempo meu marido tava doente, aí era só eu mesmo. Logo eu fui criada na casa do meu pai, meu pai não me criou na casa de ninguém, ele me criou foi trabalhando. Aí eu fui aprendendo a me virar desse jeito.”

A casa dela tem cobertura de palha e conta com uma sala (17,35 m²), um quarto (9,82 m²), uma cozinha (7,36 m²) e a meia-água (7,00 m²). É notado que são

ambientes pequenos para comportar toda a família, pois a concepção da casa foi pensada para suprir as necessidades de abrigo do momento e não houve condições posteriores para seu melhoramento. Na sala encontram-se cadeiras de plástico, um pequeno móvel com a televisão, na cozinha tem-se uma mesa com cadeiras, geladeira, fogão a gás e de barro e, na última visita realizada observou-se uma abertura de ligação entre a meia-água e cozinha que conta com jirau coberto. O quarto, local onde dormem os pais e a filha, conta com camas e um guarda-roupa, foi notado que neste ambiente as aberturas de porta e janela são vedadas com cortinas feitas de tecido. Os outros filhos se acomodam pela sala na hora de dormir. A casa possui energia elétrica, o chão dela é em terra batida e ela apresenta uma agradável sensação térmica devido ao tipo de construção.



Figura 63: Planta baixa da Casa de D. Orizinha.
Fonte: LATESE, 2017.

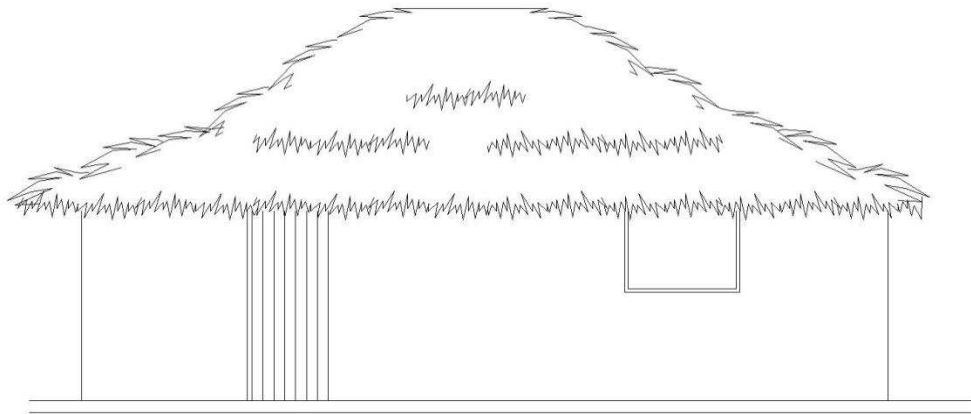


Figura 64: Fachada frontal da casa em taipa de mão de D. Orizinha.
Fonte: LATESE, 2017.

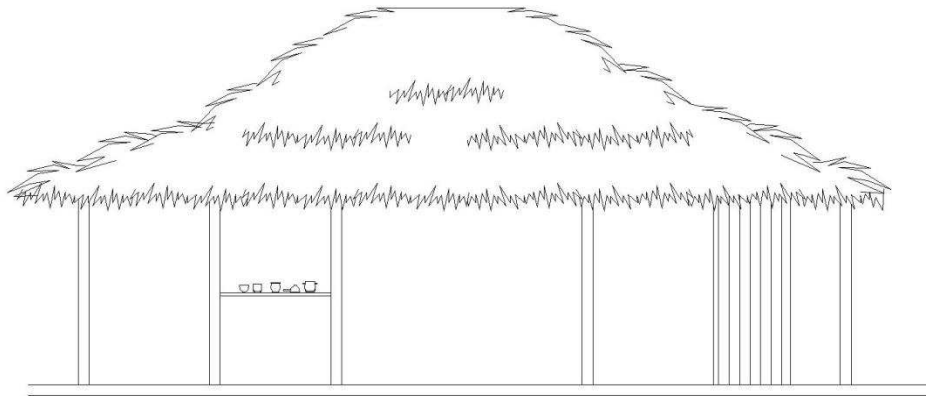


Figura 65: Fachada posterior da casa em taipa de mão de D. Orizinha.
Fonte: LATESE, 2017.

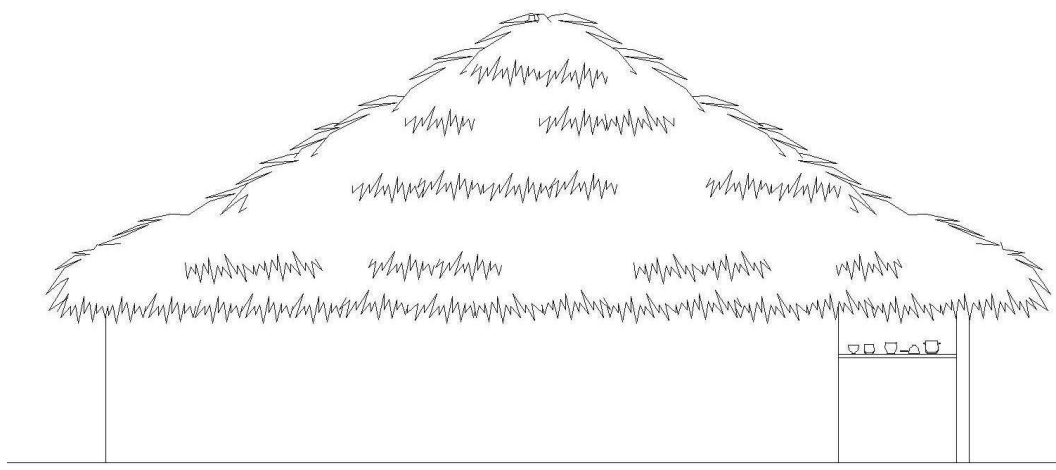


Figura 66: Fachada lateral direita da casa em taipa de mão de D. Orizinha.
Fonte: LATESE, 2017.

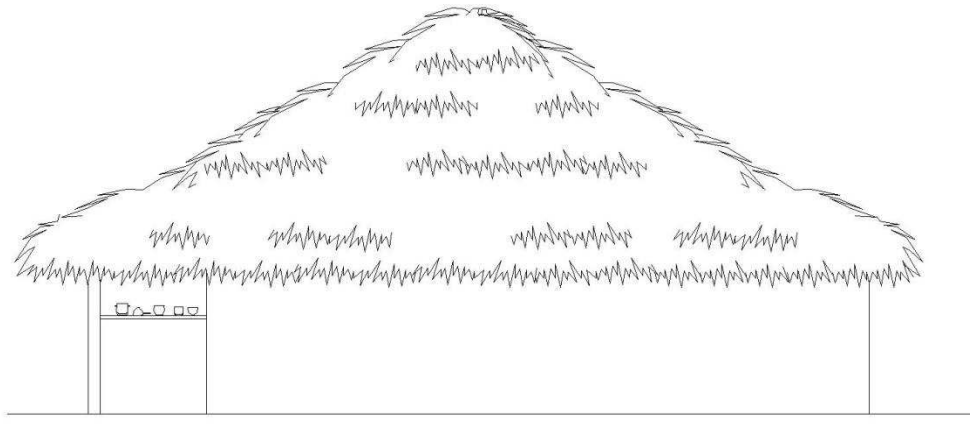


Figura 67: Fachada lateral esquerda da casa em taipa de mão de D. Orizinha.
Fonte: LATESE, 2017.



Figura 68: Casa da Dona Orizinha, feita em taipa de mão e coberta de palha.
Fonte: LATESE, 2017.



Figura 69: Sala com cadeiras plásticas, um móvel com a TV, uma rede armada e o chão em terra batida.

Fonte: LATESE, 2016.



Figura 70: Quarto com camas, um guarda-roupa e varais com roupas penduradas.

Fonte: LATESE, 2016.



Figura 71: Cozinha com presença de mesa e cadeiras, fogão a gás e a lenha, geladeiras e a cortina de tecido que garante a intimidade do quarto.

Fonte: LATESE, 2016.



Figura 72: Jirau externo ligado à cozinha pela meia-água.

Fonte: LATESE, 2017.

No que se refere à produção da família, no terreno há plantações de banana, mamão, maniva (rama da mandioca), além do cultivo de hortaliças. Plantam também arroz, feijão e milho em roça feita no Centro do Dico, povoado vizinho de Pequizeiro. Nas áreas ao sol do terreno são colocados os produtos da roça que precisam secar. A criação de animais também é feita no outro povoado.



Figura 73: Vagem de feijão secando no lote.
Fonte: LATESE, 2016.



Figura 74: Feijão secando ao sol.
Fonte: LATESE, 2016.



Figura 75: Plantação de Maniva.
Fonte: LATESE, 2016.



Figura 76: Cultivo de hortaliças em canteiros elevados no lote de Dona Orizinha.
Fonte: LATESE, 2016.

Quanto aos anexos encontrados no terreno, percebe-se a casa de banho que é feita de palha, a sentina, feita de taipa de mão e coberta de palhas, os canteiros elevados com as hortaliças cultivadas, observa-se um poço manual, que tem uma estrutura de madeira com cobertura de palha para proteger do sol. Além do jirau coberto junto a casa, se tem um jirau locado no lote, é neste local onde as louças são lavadas e secas. As roupas são lavadas no rio.



Figura 77: Sentina de taipa de mão e cobertura de palha ao fundo do lote.
Fonte: LATESE, 2017.



Figura 78: Casa de banho no lote de Dona Orizinha.
Fonte: LATESE, 2017.



Figura 79: Jirau locado no lote de D. Orizinha.
Fonte: LATESE, 2017.



Figura 80: Bomba manual coberta com estrutura de madeira e palha no lote de Dona Orizinha.
Fonte: LATESE, 2017.

A família descreveu a televisão e o jogo de futebol dos meninos como suas atividades de lazer, eles também recebem visitas de vizinhos e parentes para conversas e reuniões.

O espaço em que vive esta família se assemelha às características da moradia rural já descritas neste trabalho e demonstra que eles utilizam dos recursos que a terra os dá, e dos conhecimentos adquiridos com o tempo e devido às necessidades, para possibilitar as condições necessárias para habitar e sobreviver.

A forma como a população de Pequizeiro habita é sua identidade, mas precisa estar atrelada a oferta básica de infraestrutura e serviços, haja vista que se os serviços básicos fossem garantidos pelo município de fato como deveriam, haveria a propiciação de um local onde eles se sentissem completamente satisfeitos para viver.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho sobre o Espaço da Moradia Rural no Povoado de Pequizeiro, Belágua, Maranhão, buscou entender o ambiente em que a população rural vive. Com a observação das tipologias encontradas no nordeste foi interessante notar como o meio natural influencia nas habitações rurais, porque os moradores usam a matéria prima local, o que é inteligente da parte deles, pois os custos poupados são imensos, mas principalmente é o que torna possível para aqueles que não têm condições de adquirir os produtos impostos pelo mercado civil urbano, um mercado que desvaloriza e faz os outros desvalorizarem as construções feitas de técnicas tradicionais, técnicas estas que, atualmente garantem a moradia de muitas pessoas e que podem ser aperfeiçoadas, combatendo suas possíveis fragilidades.

Os conhecimentos adquiridos sobre as construções em terra, uma característica no meio rural em geral e no Povoado estudado, permitiu compreendê-las e proporcionou um olhar particular para as construções visitadas em campo, onde foi percebido que as técnicas tradicionais podem e devem ser usadas na concepção de uma moradia, apenas precisam ser empregadas da maneira correta.

O trabalho possibilitou entender um pouco sobre o espaço rural, um espaço que tem uma força vital diante da sociedade, pois nele se desenvolve a economia e as relações pessoais, vive-se e trabalha-se, o problema é que neste mesmo espaço de valor, encontram-se dificuldades, pois é considerado sem importância por muitos e ele acaba não recebendo os investimentos que deveria, resultando no abandono por sua população.

É muito interessante como as pessoas no meio rural têm uma relação muito forte com a terra e com a preocupação com as pessoas com quem convivem, parentes, vizinhos e amigos, sempre havendo processos de ações grupais visando o bem comum. O rural tem características próprias que precisam ser difundidas, pois são fontes de conhecimentos.

Compreender sobre como a moradia rural é discutida possibilitou a percepção de uma moradia que não é baseada nos conhecidos critérios urbanos, mas ligada aos materiais regionais, às necessidades pessoais de sobrevivência, a uma relação muito próxima de consumo e produção, atrelada a um complexo de pequenas edificações que desempenham funções importantes na vida das famílias, cheia de

significados e valores, repleta de relações que são importantes para a reprodução econômica e social daqueles que as habitam. Essa percepção foi fundamental no momento em que foram realizadas as visitas de campo, pois houve um olhar mais aberto, disposto a identificar se as características lidas eram de fato reais o que foi notado que sim, e que, juntamente com elas, existiam aspectos novos, até então desconhecidos.

Conhecer as características socioeconômicas de Belágua como um todo e do povoado de Pequizeiro foi primordial para o entendimento sobre como este meio está organizado e, com base nestes dados, perceber as potencialidades e vulnerabilidades encontradas no local, o que influencia diretamente no objeto de estudo – o espaço da moradia rural – observado em Pequizeiro.

Quanto ao Povoado estudado foi percebido claramente o que Wanderley (2004) fala sobre a dependência política, econômica e social das periferias da cidade com o centro municipal, observa-se lá a ausência de bens e serviços, a porcentagem da população não alfabetizada sendo de 50% e a renda metade das vezes, apenas por benefícios do governo. Relacionado especificamente a Belágua como um todo, trata-se de um município que é periférico no Estado, dependente de outros municípios. Todas as carências notadas precisam ser vistas e assistidas por aqueles que têm autoridade para isso, pois não é somente a condição física que uma casa tem que impede seus moradores de ter uma vida confortável, mas também a exclusão dos direitos de acesso à saúde, educação, saneamento, renda, lazer e outros.

No que tange à questão do espaço da moradia em Pequizeiro observou-se um espaço que demonstra costumes específicos, percebidos no arranjo e organização dos anexos do lote e dos cômodos da casa, na disposição das atividades cotidianas referentes ao morar e trabalhar, que são desenvolvidas neste ambiente, nas relações sociais envolvidas na construção de casas, nas atividades de lazer e de produção, havendo uma preocupação com a coletividade, nos saberes de técnicas tradicionais que esta população adquiriu com o tempo e devido às necessidades, onde aplicam o que sabem para garantir o local para se abrigar.

Os moradores da localidade usam o material que a natureza oferece e empregam aquilo que sabem para construir uma casa, ou um anexo no lote, desde a fundação até as esquadrias, é percebido que é uma arquitetura de sobrevivência, que tem falhas e precisam de uma manutenção, muitas vezes constante, mas as

técnicas estão aí para serem aperfeiçoadas. É preciso haver um incentivo para o aprimoramento das técnicas ao invés de propostas de erradicação das mesmas, Weimer (2005) disse que as primeiras cidades foram construídas de barro, então por que a terra não pode ser utilizada nas construções atuais do estado? Por que o conhecimento local não pode ser aplicado juntamente com os conhecimentos que foram desenvolvidos em outros locais e deram certo? Fica a reflexão diante da cultura imposta pelas cidades.

O espaço então estudado permitiu conhecer como se dá a moradia, o trabalho e o convívio em Pequiizeiro, demonstrando que o meio rural e os atributos singulares que envolvem sua prática é uma realidade ainda presente no Maranhão, que precisa dos cuidados necessários para que as pessoas de lá não se sintam obrigadas a desocupá-lo e ele acabe sendo extinto, perdendo todos os valores que possui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. **Agricultura familiar e desenvolvimento territorial**. Relatório de Consultoria. IICA. Projeto: Bases para a formulação da política brasileira de desenvolvimento rural. Brasília. Mimeo. 1998.

_____. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Texto para discussão nº 702. Rio de Janeiro: IPEA, 2000, 31 p.

AMBRÓSIO, L. A.; PERES, F. C.; SALGADO, J. M. **Diagnóstico da contribuição dos produtos do quintal na alimentação das famílias rurais: Microbacia D'água F., Vera Cruz**. Informações Econômicas, São Paulo, v. 26, n. 7, jul. 1996.

ARRUDA, Andréa Figueiredo. **O espaço "concebido" e o espaço "vivido" da morada rural: políticas públicas x modo de vida camponês**. 2007. Dissertação (Mestrado em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.16.2007.tde-19052010-094729.

ATLAS BRASIL. **Belágua, MA**. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/>>. Acesso em 10 de maio de 2017.

BARRETO, Paulo T. **O Piauí e sua arquitetura**. In: *Arquitetura Civil I. Textos Escolhidos da Revista do IPHAN*. São Paulo: FAUUSP e MEC-IPHAN, 1975. P. 191-219.

BONDUKI, Nabil. **Uma metodologia para avaliar programas de habitação**. In: CARVALHO, M. do C. B. de; BARREIRA, M. C. R. N. (Org.). *Tendências e perspectivas na avaliação de políticas e programas sociais*. São Paulo: IEE/PUC-SP, 2001.

BRANDEMBURG, Alfio. **Do rural tradicional ao rural socioambiental. Ambiente e Sociedade**. Campinas v. XIII, n.2. p. 417-428. jul-dez. 2010.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010. 334p.

CARNEIRO, M. G. R. et al. **Quintais produtivos: contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável local na perspectiva da agricultura familiar (O caso do assentamento Alegre, município de Quixeramobim/CE)**. Revista Brasileira de Agroecologia, n.8, v.2, 2013.

CORONA & LEMOS. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: Edart, 1972.

COSTA, I. B. da, MESQUITA, H. M. **Tipos de habitação rural no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1978.

COSTA, R. H. M. R. **Safras-pico e transferência de capital e iniciativas entre campo e cidade: análise em cinco municípios paulistas**. Rio Claro - S. P. 2002. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2002, 198 f.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HARRIS, M. **Town and country in Brasil; a socio-anthropological study of a small Brazilian town.** New York, Northon & Company, 1956.

HARWOOD, R. R. **Desarrollo de la pequena finca.** San José, Costa Rica: IICA, 1986.

HEREDIA, B. M. A. de. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Estudos sobre o Nordeste, 7).

IBGE. **Banco de dados agregados – SIDRA.** Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em 10 de maio de 2017.

_____. **Belágua.** Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em 10 de maio de 2017.

_____. **Censo Demográfico 2010: Resultados Preliminares do Universo – Conceitos e definições.** Rio de Janeiro, 2011.

IMESC. **Plano Mais IDH: Diagnóstico Avançado: Belágua.** 66 p. São Luís, 2016.

KAGEYAMA, A. **Pluriatividade e ruralidade: alguns aspectos metodológicos.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, SOBER, 36., 1998.

KAPP, S.. **Uma tipologia de espaços cotidianos.** Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (online), v. 15, p. 5-37, 2012.

KAYSER, B.. **La renaissance rurale: sociologie des campagnes du monde occidental.** Paris: Armand Colin, 1990.

LATESE. **Mapa de Pequizeiro.** 2017.

_____. **Viagem de campo.** Belágua, 2016.

_____. **Viagem de campo.** Belágua, 2017.

_____. **Viagem de campo.** Buriticupu, 2017.

_____. **Viagem de campo.** Cajari, 2016.

MALARD, M. L.. **A árvore da habitação.** In: Colóquio Pesquisas em Habitação, 2,2005, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: EAUFMG, 2005.

MARICATO, E. **Autoconstrução, a Arquitetura Possível.** In: MARICATO, E. (Org.) A Produção Capitalista da Casa (e da Cidade) no Brasil Industrial. São Paulo: Alfa-Ômega, 1982, p. 71-93.

MARQUES, M. I. M. **O conceito de espaço rural em questão.** Terra Livre. São Paulo. Ano 18, n. 19, p. 95-112. jul./dez. 2002.

OKLAY, E. **Quintais Domésticos: uma responsabilidade cultural**. *Agriculturas*, v. 1, n.1, p. 37-39, 2004.

OLIVEIRA, A. R. de. **Sociabilidade, solidariedade e a formação do capital social em bairros rurais**. *Anais do Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Administração e Sociologia Rural*, 2005.

PICCINI, A.. **A casa de Babilônia: estudo de habitação rural no interior paulista**. São Paulo: Annablume, 1996. (Selo Universidade, 46).

PINHEIRO, A. P. S. C. **Modo de olhar: metodologia para o estudo de moradias rurais**. 2011. 224 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil: Estruturas e Construção Civil) - Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

PINHEIRO, F. **Quintais agroecológicos: resgatando tradição e construindo conhecimento**. Disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br>>. Acesso em 10 de maio de 2017.

SILVA FILHO, O. P. da. **Carnaúba, pedra e barro na Capitania de São José do Piauí. Estabelecimentos Rurais**. Volume 1. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 2007.

SOROKIN, P.; ZIMMERMAN, C.; GALPIN, C. **Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano**. In: MARTINS, J. S. (org.). *Introdução crítica à sociologia rural*. São Paulo: Hucitec, 1986. p. 198-224.

VALE, A. R. **A delimitação Rural/Urbano, as relações cidade-campo e a nova ruralidade: Reflexões sobre o espaço rural brasileiro**. *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*. Universidade de São Paulo, 2005.

VEIGA, J. E. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Autores Associados, 2002.

WANDERLEY, M. N. B. **A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil**. In: *Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente*. Curitiba: Editora da UFPR, n. 2, p. 29-37, jul/dez, 2000.

_____. **Olhares sobre o “rural” brasileiro**. Campina Grande, *Revista Raízes*, Vol. 23, nº 1 e 2 (jan-dez), 2004.

WEIMER, G.. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ANEXOS

ANEXO I – QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

RELAÇÃO MORADORES COM TERRENO E MORADIA

DADOS PESSOAIS

1. Qual o seu nome completo?
2. Quem responde pela família?
3. Quantos moram na sua casa?
4. Qual a idade de cada um? Quantas crianças?
5. Quais são as principais atividades de vocês no dia-a-dia?
6. Roça – Quando?
7. Pesca – Quando
8. Coleta de côco – Quando?
9. Escola? (caso sim, qual o horário e o transporte).
10. Algum aposentado(a)?
11. Tem alguém na casa com dificuldade pra se movimentar? Alguma pessoa com deficiência física?

SOBRE A CONSTRUÇÃO DAS CASAS DE TAIPA OU DE ADOBE

1. Quem construiu a sua casa?
2. Lembra em quanto tempo levou pra construir?
3. Existe algum grupo no povoado que sabe construir as casas? Ou todo mundo sabe construir?
4. Os vizinhos costumam se reunir para construírem as casas juntos? Caso sim, como fazem?
5. Tem alguém do povoado que já construa casas há mais tempo e que sempre acompanha a construção das casas de taipa e de adobe?
6. Como é feita a coleta do material pra construir a casa? Onde vocês pegam o material?
7. Como costuma ser o modo de fazer as casas? (o que é feito primeiro, o que vem depois?).
8. Vocês costumam fazer a casa tomando como exemplo alguma casa anterior? A casa do vizinho, ou alguma que viram na sede, ou na televisão?
9. Vocês costumam fazer a casa já pensando onde podem aumenta-la depois? Caso sim, pra onde vocês costumam aumentar?

SOBRE A MANUTENÇÃO DO IMÓVEL

1. De quanto em quanto tempo precisam fazer a manutenção do imóvel?
 - a. Reforçar as paredes?
 - b. Trocar a cobertura?
 - c. Nivelar o piso?
2. O que estraga na casa mais rápido?
3. Aparece muito inseto? Quais?
4. Como acabam com eles?

RELAÇÃO COM O TERRENO

1. Quais as principais atividades que você realiza no seu terreno?
2. Horta (de quê?).
3. Criação de animais (quais?).
4. Casa de farinha? De quanto em quanto tempo usam?
5. Vocês descansam no terreno? Armam rede? Reúnem-se com a família no terreno de vocês?
6. Quem costuma fazer a limpeza do terreno?
7. Quem costuma plantar?
8. Quem costuma colher?
9. Existem, além da casa, outras construções no terreno (como depósitos, casas de farinha, outra casa para alojar parentes?).

USO DA CASA COMO MORADIA

1. Você tem fogão a gás e fogão a lenha?
2. No preparo da comida, quando você costuma usar o fogão a gás e quando usa o fogão a lenha?
3. Na hora das refeições, a família costuma comer junto? Em que lugar da casa? Quais móveis são usados?
4. Onde é feita a lavagem e secagem dos pratos? Que água vocês utilizam para fazer a limpeza?
5. Vocês tem água em casa? Caso sim, de onde vem essa água?

LAVAGEM, SECAGEM E PASSAGEM DE ROUPA

1. Quem costuma lavar as roupas?
2. Onde as roupas são lavadas?
3. Quantas vezes por semana vocês costumam lavar roupa?

DESCANSO

1. Na hora de dormir, quantas pessoas ficam em cada quarto?
2. Vocês costumam cochilar depois do almoço? Dentro de casa ou do lado de fora?
3. O que vocês mais utilizam pra dormir? E quem utiliza?
 - a. Rede
 - b. Cama
 - c. Sofá
 - d. Outro

LAZER

1. O que vocês costumam fazer pra se divertir? Quando?
2. Televisão? Assistem o que?
3. Jogos de mesa? (Baralho, dominó?)
4. Jogos de campo? (Futebol, vôlei)
5. Costumam fazer Reunião de família?
6. Costumam fazer Reunião com vizinhos?
7. Costumam ter festejos? Quais? E quando eles acontecem?

HIGIENE PESSOAL

1. Onde vocês costumam tomar banho?
2. Onde vocês costumam fazer as necessidades?
3. De quanto em quanto tempo refazem o banheiro?
4. O que fazem com a sobra de comida?
5. O que fazem com resto de plásticos, metal e madeira? Com o lixo em geral (queimam, enterram?).

ESTUDO

1. Quantas pessoas na família ainda estudam?
2. Onde estudam?
3. Que móveis usam pra estudar em casa?

TRABALHO EM CASA

Costuma produzir dentro de casa (rede de pesca, algum artesanato, comida, serviço de corte de cabelo)? O que?

ANEXO II – MODELO DE FICHA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO Laboratório de Análise Territorial e Estudos Sócio-Econômicos (LATESE)

FICHA

1. DADOS PESSOAIS					
MUNICÍPIO:				FOTO DO (A) MORADOR (A):	
POVOADO:					
NOME:					
IDADE:		QUANTIDADE DE FILHOS:	Escolher um item.		
ESTADO CIVIL:	Escolher um item.	PESSOAS NA ESCOLA:	Escolher um item.		
RENDA:		QUANTIDADE DE MORADORES :	Escolher um item.		
NATURAL:		TEMPO NO POVOADO:			
QUANTIDADE DE GERAÇÕES (pai, filho, neto, bisneto...):			Escolher um item.		
PERCURSOS FORA DO POVOADO:	<input type="checkbox"/>	Banco	OCUPAÇÃO (ATIVIDADES DESENVOLVIDAS):	<input type="checkbox"/>	Trabalho com carteira assinada
	<input type="checkbox"/>	Comércio		<input type="checkbox"/>	Produção de farinha
	<input type="checkbox"/>	Escola		<input type="checkbox"/>	Coleta e quebra de côco
	<input type="checkbox"/>	Pronto socorro		<input type="checkbox"/>	Roçado
	<input type="checkbox"/>	Hospital		<input type="checkbox"/>	Pesca
	<input type="checkbox"/>	Emprego		<input type="checkbox"/>	Outros

	<input type="checkbox"/>	Outros		
--	--------------------------	--------	--	--

2. DADOS DO TERRENO E IMÓVEL EXISTENTE				
a) TERRENO → LOCALIZAÇÃO		FOTO DA FACHADA:		
COORDENADAS GPS:				
ENDEREÇO:	VER MAPA			
PONTO DE REFERÊNCIA:	VER MAPA			
LOCALIZAÇÃO EM RELAÇÃO AO POVOADO:	<input type="checkbox"/>	Área central		
	<input type="checkbox"/>	Periferia		
ÁREA TOTAL:	Casa	m ²		
	Terreno	m ²		
LOTE CERCADO:	Escolher um item.			
REGIME DE PROPRIEDADE DO LOTE:	<input type="checkbox"/>	Próprio com documento	<input type="checkbox"/>	Em processo de regularização
	<input type="checkbox"/>	Quilombo	<input type="checkbox"/>	Conflito fundiário
REGIME DE PROPRIEDADE DA CASA:	<input type="checkbox"/>	Própria	<input type="checkbox"/>	Alugada
			<input type="checkbox"/>	Da família
PLANTA DE LOCALIZAÇÃO :				
PLANTA DE SITUAÇÃO – cursos d'água, arborização, projeção da implantação da casa nova):				
b) CASA PRINCIPAL				

PLANTA BAIXA:	<i>DESENHOS</i>		
PLANTA DE MOBILIÁRIO:	<i>DESENHOS</i>		
PLANTA DE COBERTURA:	<i>DESENHOS</i>		
FACHADAS:	<i>DESENHOS</i>		
CORTES:	<i>DESENHOS</i>		
DETALHES:	<i>DESENHOS</i>		
SISTEMA CONSTRUTIVO			
FUNDAÇÃO:	<input type="checkbox"/> Esteios de madeira e barro. <input type="checkbox"/> Pedra <input type="checkbox"/> Adobe tição <input type="checkbox"/> Outro	PAREDES EXTERNAS:	<input type="checkbox"/> Taipa revestida <input type="checkbox"/> Taipa não revestida <input type="checkbox"/> Madeira aproveitada <input type="checkbox"/> Palha <input type="checkbox"/> Adobe <input type="checkbox"/> Outro
<i>FOTOS</i>		<i>FOTOS</i>	
PISO PREDOMINANTE:	<input type="checkbox"/> Terra batida <input type="checkbox"/> Cimentado <input type="checkbox"/> Piso cerâmico	PAREDES INTERNAS:	<input type="checkbox"/> Taipa revestida <input type="checkbox"/> Taipa não revestida <input type="checkbox"/> Madeira aproveitada <input type="checkbox"/> Palha <input type="checkbox"/> Adobe <input type="checkbox"/> Outro
<i>FOTOS</i>		<i>FOTOS</i>	
COBERTURA PREDOMINANTE:	<input type="checkbox"/> Palhas com tronco de madeira. <input type="checkbox"/> Telha cerâmica com madeiramento.	ESQUADRIAS PREDOMINANTES:	<input type="checkbox"/> Madeira <input type="checkbox"/> Ripas de madeira <input type="checkbox"/> Palha <input type="checkbox"/> Outro

	<input type="checkbox"/> Outro		
<i>FOTOS</i>		<i>FOTOS</i>	
CÔMODOS E MOBILIÁRIOS			
CÔMODOS		MOBILIÁRIOS	
Especificação		Quantidade	Especificação
<input type="checkbox"/>	Quarto	Escolher um item.	<input type="checkbox"/> Móvel de Quarto
<input type="checkbox"/>	Sala de estar	Escolher um item.	<input type="checkbox"/> Rádio
<input type="checkbox"/>	Sala de jantar	Escolher um item.	<input type="checkbox"/> Antena de TV
<input type="checkbox"/>	Sala de estar/jantar	Escolher um item.	<input type="checkbox"/> Telefone Fixo
<input type="checkbox"/>	Varanda	Escolher um item.	<input type="checkbox"/> Telefone móvel
<input type="checkbox"/>	Paiol	Escolher um item.	<input type="checkbox"/> Aparelho de DVD
<input type="checkbox"/>	Cozinha/Copa	Escolher um item.	<input type="checkbox"/> Máquina de Lavar Roupas
<input type="checkbox"/>	Depósito	Escolher um item.	<input type="checkbox"/> Acesso à Internet
<input type="checkbox"/>			<input type="checkbox"/> Fogão à lenha
<input type="checkbox"/>			<input type="checkbox"/> Fogão à gás
<input type="checkbox"/>			<input type="checkbox"/> Geladeira
<input type="checkbox"/>			<input type="checkbox"/> Filtro de Água
<input type="checkbox"/>			<input type="checkbox"/> Freezer
c) ANEXOS			
DEPÓSITO:	<i>FOTOS</i>		
SENTINA:	<i>FOTOS</i>		
CASA DE BANHO:	<i>FOTOS</i>		
ROÇA	<i>FOTOS</i>		
Escolher um item.			
d) INFRAESTRUTURA DE SERVIÇOS			
ABASTECIMENTO DE	<input type="checkbox"/> Por rede geral	<input type="checkbox"/> Poço ou nascente na propriedade	

ÁGUA:	<input type="checkbox"/> Poço artesiano		<input type="checkbox"/> Poço ou nascente fora da propriedade			
	<input type="checkbox"/> Carro-pipa		<input type="checkbox"/> Água da chuva armazenada em cisterna			
	<input type="checkbox"/> Água da chuva armazenada de outra forma					
ENERGIA ELÉTRICA:	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>	Sim	QUANT. PONTOS DE LUZ:	Escolher um item.
ESGOTAMENTO SANITÁRIO:	<input type="checkbox"/> Rede coletora de esgoto ou pluvial		<input type="checkbox"/> Fossa séptica ligada à rede coletora de esgoto ou pluvial.			
	<input type="checkbox"/> Fossa séptica não ligada à rede coletora de esgoto ou pluvial		<input type="checkbox"/> Fossa rudimentar (sentina)			
	<input type="checkbox"/> Rio, lago ou mar.		<input type="checkbox"/> Vala			
TRATAMENTO DO LIXO:	<input type="checkbox"/> Coleta direta ou indireta		<input type="checkbox"/> Outro			
	<input type="checkbox"/> Lixo enterrado		<input type="checkbox"/> Queima			
				<input type="checkbox"/> Outro		